Biblioteca Mauricio de Sousa

Mônica

1973

MAURICIO DE SOUSA EDITORA
panini COMICS

NINGUÉM!
FORA!
ANTES DE EU IR, NÃO QUER VER UMA IMITAÇÃO QUE FAÇO DO CHACRINHA?
SERÁ QUE VOCÊ NÃO ENTENDE?
'TÁ CERTO! VOCÊ QUERIA APARECER EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS, NÃO É? POIS JÁ APARECEU! AGORA, DÊ UM TCHAUZINHO E SUMA!...
?
TURMINHA IGNORANTE, POXA!
"OLHA", PESSOAL! GANHEI CINCO ENTRADAS PARA O CIRCO! QUEREM IR COMIGO?
NÃO QUEREM IR AO CIRCO?
MAS EU NÃO OUVI NINGUÉM AGRADECENDO!
VOCÊS SÃO MAL-EDUCADOS MESMO, NÃO?
TAMBÉM, SE ARRANJOU, POUCO ME IMPORTO!
COMO SERÁ ELE?
DEVE SER BACANA!
OU A THUGA TEVE CORAGEM DE ME TROCAR POR UM FEIÃO?
BEM... ACHO QUE O NEGÓCIO É CONHECER O CARA E AGRADECER!
AFINAL, DEVOLVEU-ME A PAZ!
THUGA!
NÃO DÁ PLA TELEFONAR AVISANDO QUE NÃO DÁ PLA IR?
NÃO! EU TENHO QUE IR DE QUALQUER JEITO!
O QUE HOUVE?
É AÍ QUE ENTRA MEU PLANO! VOCÊ VAI SER GUARDA SÓ PRA ME DEIXAR ENTRAR NO BANCO E PEGAR O "TUTU"!
EXPLIQUE MELHOR!
DEPOIS DE TUDO EXPLICADO...
QUE LEGAL! EU TOPO!
EU SABIA QUE VOCÊ IA GOSTAR!
VOU TELEFONAR PRA VER O QUE ACONTECEU!
ORA! EU NÃO TINHA NADA PRA FALAR!
AGORA, VAMOS ARRANJAR UM DISFARCE PRA VOCÊ IR AO BANCO PEDIR EMPREGO!
ÓTIMA IDÉIA!
NO OUTRO DIA...
QUE TAL ESTOU?
LINDO! NEM MAMÃE IRIA RECONHECER VOCÊ!
RA-RÁ-Á!
LEMBRE-SE! AJA COM A MAIOR NATURALIDADE!
PODE DEIXAR!
BOM DIA! POR FAVOR... MEU IRMÃO GOSTARIA DE TRABALHAR NO BANCO E...
PRIMEIRA PORTA À SUA ESQUERDA!
ALÔ!
...AGORA, O TEODORO VAI DAR O ALÔ DELE!

Biblioteca Mauricio de Sousa

Mônica

1973

Mauricio

Mauricio de Sousa Editora

Panini Comics

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ana Lúcia Merege 4667/CRB-7)

Sousa, Mauricio de
Biblioteca Mauricio de Sousa : Mônica vol. 4 : 1973 / Mauricio de Sousa. – Barueri, SP : Panini Brasil, 2023.

ISBN 978-65-259-1260-8 (Capa dura)

1. Histórias em quadrinhos   I. Título

CDD 741.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Histórias em quadrinhos   741.5

Mônica
VOL. 4 - 1973

Panini Comics

PANINI GROUP
CEO América Latina: Ivam Faria
Diretor de Publicação e Licenciamento: Marco M. Lupoi
PANINI BRASIL LTDA.
Diretora de Marketing e Editorial, Colecionáveis e Publicações: Martina Limoni
Diretor Administrativo e Financeiro: Fábio Trigo Martins
Diretor de Distribuição: Gilberto Finotto Gil
EDITORIAL
Editores: Tatiana Josefovich e Tiago P. Zanetic
Design Gráfico e Diagramação: Tatiana Josefovich
Auxiliar Administrativo: Bruna Tiemi Okubo
MARKETING, COMERCIAL, PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO
Analista de Marketing Sênior: Rafaela Febronio
Publicidade: comercial@panini.com.br
Assessoria de Imprensa: assessoriadeimprensa@panini.com.br
Coordenador de Inteligência Comercial: Rodrigo Felipe Lucizano
Gerente Industrial: Edson Aprijo de Farias
Gerente de Distribuição: Genésio Cruz Oliveira Jr.

Este livro foi impresso pela **DuoGraf**.
Distribuída em todo o país por **Panini Brasil Ltda.**

Biblioteca Mauricio de Sousa - Mônica vol. 4 - 1973 é uma publicação da Panini Brasil Ltda. **Administração, Redação e Publicidade:** Alameda Caiapós, 425 - Centro Empresarial Tamboré - CEP 06460-110 - Barueri - SP - Brasil. © 2023 Mauricio de Sousa e Mauricio de Sousa Produções Ltda., todos os direitos reservados - www.turmadamonica.com.br. Direitos desta edição no Brasil e em Portugal reservados à Panini Brasil Ltda. As histórias, personagens e nomes apresentados nesta revista, bem como suas distintas semelhanças, salvo quando indicado, são propriedades da Mauricio de Sousa Produções e publicados sob sua licença. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização dos editores.

MAURICIO DE SOUSA EDITORA

Estúdios Mauricio de Sousa
Presidente: Mauricio de Sousa
Diretoria: Alice K. Takeda, Mauro Takeda e Sousa, Mônica S. e Sousa.

ESTÚDIO DE ARTE
Diretora Executiva: Alice K. Takeda
Supervisão de Roteiros: Mauricio de Sousa, Marina Takeda e Sousa Cameron
Diretora de Conteúdo: Marina Takeda e Sousa Cameron
Diretor do Estúdio de Arte: Wagner Bonilla
Gerente de Conteúdo Editorial: Emerson Agune
Coordenação de Roteiro: Paulo Back
Curadoria de Conhecimento: Giulia Ebohon
Histórias criadas e produzidas nos Estúdios Mauricio de Sousa.
Editor: Sidney Gusman
Diagramação de Prefácio e Extras: Mariangela Saraiva Ferradás
Coordenação Administrativa do Estúdio: Irene Dellega, Maria Aparecida Rabello, Maria de Fátima A. Claro.
Revisão de Textos: Daniela Gomes Furlan, Ivana Mello, Lina Furlan.

COMERCIAL
Diretora Executiva: Mônica S. e Sousa - monica.sousa@turmadamonica.com.br
Diretoria de Licenciamento: Rodrigo Paiva
Animação: José Márcio Nicolosi
Digital e Audiovisual: Diretor de Desenvolvimento Comercial: Marcos S. e S. Saraiva
MSP ao vivo: Diretor: Mauro Takeda e Sousa. Tel.: (11) 3613-5031
Jurídico: Alexandre Siqueira
Comunicação Integrada: Coordenação: Ivana Mello **Assistentes:** Daniela Gomes Furlan, Fernando Freitas, Paulo Amarante, Ronney Abílio. Tel.: (11) 3613-5055.

Supervisão Geral: Mauricio de Sousa, Membro da Academia Paulista de Letras.

Instituto Mauricio de Sousa: instituto@institutomauriciodesousa.org.br

Estúdios Mauricio de Sousa:
www.turmadamonica.com.br | msp@turmadamonica.com.br
Rua Werner Von Siemens, 111
Prédio 19 - Espaço 1,
Lapa de Baixo - São Paulo - SP
05069-900 - Tel.: (11) 3613-5000
© 2023 Mauricio de Sousa Produções.
Todos os direitos reservados.
www.assinemonica.com.br
atendimento.turmadamonica@panini.com.br

FSC
www.fsc.org
MISTO
Papel | Apoiando o manejo florestal responsável
FSC® C119624

Esta obra é uma ficção. Reiteramos que o objetivo desta não é o de promover a discriminação de qualquer classe e espécie. Mas, ocasionalmente, ela pode apresentar representações negativas e tratamentos inapropriados de pessoas ou culturas, coisas de outros tempos, felizmente abandonadas. Devido ao valor histórico deste material, todas as expressões usadas na época e retratadas aqui foram mantidas em respeito ao autor, levando-se em consideração o contexto da época. Inclusive como forma de aprender com essas situações, para não repeti-las. Por isso, nesses casos, adicionamos notas de rodapé sinalizando as situações problemáticas. Felizmente, o mundo evoluiu e erros assim não são mais cometidos nos materiais da **MSP**, que busca sempre por conteúdos cada vez mais repletos de diversidade e inclusão.

SUMÁRIO

Homenagens e clássicos 8

Mônica #33 9
A casa misteriosa 10
Passatempo 20
Bidu e Bugu 21
O sossego do Piteco 25
Penadinho 29
O fim 31
Um anjo que cai 32
Mônica 39
Vamos brincar de vaca amarela? 40
Zum e Bum 44
Horácio 47
Alô, Raposão! 49
Era uma vez um gato xadrez 52
Cascão, o solitário 55
Sobe 58
Piteco 67
Mônica 69

Mônica #34 71
Levitação 72
Bidu Bidu Bidu Bidu 77
Vamos ao baile? 79
Horácio 83
Mônica 85
O patinho que ia cair na cachoeira 86
Bidu 90
Mônica 91
O Tarzan! 94
Essa nuvem é minha! 98
Mônica 102
O longo 103
Bidu 107
Que calor! 109
Linha cruzada 114
Uma história misteriosa 116
Flores! Flores! Flores! 121
Vamos brincar? 125
Bidu 129

Mônica #35 131
O poço 132
A Piada 140
O livro 142
Passatempo 145
Brrrrrr! 146
O Buraaaaaaaaa 150
A desinformação 153
Bidu Bugu 155
Bem me quer... Mal me quer... 160
Mônica 162
Os garotos "propaganda" 163
Já sou uma mocinha! 170
English Course 173
A horta 177
Mônica piruliteira 182
Bidu 191

Mônica #36 193
A Maneca 194
Vamos brincar de sério? 199
Mônica 203

Horácio 204
A Pílula antiágua 206
Passatempo 213
Vamos brincar? 214
Buuuu! 217
Raposão 220
A maçã 223
Bidu 228
"Encha, Cebolinha"! 231
Viagem no tempo 233
O passeio 244
Mônica 251
Mônica #37 253
A sombra 254
Mônica 268
Domingo no parque 269
Tarugo quer voar 274
Mônica 278
O segredo 279
Passatempo 286
A enigmática 287
Enganada 290
Horácio 291
Bingo 296
A campeã 303
Mônica 312
Mônica #38 313
O jornal mural 314
Bidu 320
Brincando de casinha 321
Bidu-Bugu 326
Mônica 332
O espantalho 333
Siga o chefe? 337
Horácio 341
Passatempo 343
Duas ótimas cozinheiras 344
A bota 348
O Astronauta 352
Anjinho 365
O pombo-correio 366
Mônica 372
Mônica #39 373
E novamente... Capitão Feio! 374
Bidu Bugu 388
Mônica 393
Emoção! Ternura! Mistério! 394
Jotalhão e a plástica 399
Uma fita azarada 404
Mônica 408
Chico Bento 409
Mônica 413
O espírito negro 414
Passatempo 420
Mônica 421
Super-Horácio 422
Esconde esconde 427
Mônica 432
Mônica #40 433
Olho por olhos... 434
Controle-se, Mônica! 439
Bidu Bugu 444
A datilógrafa 449
Mônica 453
Com cisco no olho 454
Bidu 460
Muito esquecido! 461

Meus dentinhos....463
Banho de sol....468
Passatempo....472
O Astronauta....473
Cebolinha....487
A vendedora Mônica....488
Mônica....492

Mônica #41....493
Mônica, a voadora....494
Mônica....507
Por nada!....508
Pronto, descontei!....510
Resolução acertada?....514
Magali está doente!....518
Horácio....521
Piteco....533
Curando a insônia....534
Estou rouca!....538
A faxina....542
O medo!....546
Mônica....552

Mônica #42....553
A tocha olímpica....554
Mônica....565
Tudo por uma foto....566
Bidu....572
Venha você também!....576
Raposão e o corvo....581
Mônica e a estante....583
Penadinho....587
Pega-pega....592
O trem....596
Mônica....601
Loucura geral....602
O vaso....607
Mônica....611

Mônica #43....613
A grande festa....614
Passatempo....620
Mônica....621
Amigo é pra essas coisas....622
Cabeça virada....626
Piteco....630
Mônica e a T.V.....642
O plano....645
Os coelhinhos....650
O elevador falante....654
Um jogo cansativo....657
Bugu Bidu....662
Piquenique....666

Mônica #44....673
Um cometa para o Natal....674
Passatempo....688
Mônica....689
Um cisco no olho....690
O Domador....693
O que será que há dentro da caixa?....697
O grande virtuose....702
Um balão muito cheio....708
Bidu....713
A arte de hipnotizar....715
O ovo....720
Horácio....725
Cavalheirismo....727
Mônica....731

Arquivos do Mauricio....733

Homenagens e clássicos

O ano de 1973 foi muito marcante para Mauricio de Sousa. E você vai entender os porquês disso nas páginas a seguir. Este quarto volume da Mônica nesta coleção traz diversos momentos inesquecíveis, que serão melhor compreendidos nos *Arquivos do Mauricio*, nas páginas finais.

Como Mauricio relatou no prefácio da *Biblioteca Cebolinha 1973*, é a partir deste ano que ele passou a delegar mais e mais funções na produção das revistas, que ele fez sozinho por muito tempo. O estúdio começava a ganhar corpo, com novos profissionais chegando para as áreas de roteiro, desenho, arte-final, letras e cores.

Essa expansão era inevitável para o crescimento da empresa e, mesmo que o pai da Turminha seguisse supervisionando tudo para manter o seu estilo, trouxe um agradável frescor para as histórias. E num projeto de resgate como este, é muito gostoso notar essas pequenas mudanças. E dividir com os leitores, claro.

Reapresentar materiais clássicos é uma delícia, porque eles comprovam o quanto mostravam de atualidade, em suas diferentes épocas. Neste volume, você verá citações a Roberto Carlos, Gilberto Gil, Emerson Fittipaldi, Beatles, Tarzan e até ao elefante voador Dumbo. Ora com os nomes modificados, ora com as grafias reais.

Também há um clássico absoluto de Mauricio de Sousa, na edição 40. Uma daquelas histórias que algumas pessoas não se esquecem e, mesmo num gibi voltado para crianças, trazia um recado claro sobre um dos problemas que o país enfrentava na época da ditadura militar. Protagonizada pelo Astronauta e bem no estilo dos antigos tabloides semanais do herói nos jornais, a aventura mistura ficção, ação e uma crítica política e cultural.

Em um reino chamado Clic, é simplesmente proibido cantar. Ordens do rei (e tirano) daquele local. O extraterrestre que foge do seu mundo para poder soltar a sua voz e expressar o seu talento foi uma metáfora poderosa. Mauricio fez a história por causa de artistas brasileiros que foram exilados do país na época da ditadura, como Gilberto Gil e Caetano Veloso, dentre tantos.

Por isso tem sido tão prazeroso editar a coleção *Biblioteca Mauricio de Sousa*. Porque não se trata apenas de revisitar momentos marcantes do quadrinho nacional, mas também de desvendar coisas que estão além dos balões e recordatórios.

Sidney Gusman

Arquivos do Mauricio

Por Paulo Back e Sidney Gusman

Nesta seção, a cada volume da *Biblioteca Mauricio de Sousa*, apresentaremos dezenas de curiosidades e informações sobre as histórias e os personagens. Prepare-se para descobrir verdadeiras preciosidades. Edição a edição.

Mônica # 33 (janeiro de 1973)

A capa desta edição já anunciava uma grande novidade para a criançada: no dia 26 daquele mês, Cebolinha ganharia sua revista. Agora, seriam duas publicações mensais com histórias de toda a Turma. E a principal diferença entre elas passaria a ser justamente a capa. Enquanto *Cebolinha* trazia (a partir da terceira edição) uma ilustração referente à história de abertura, a de *Mônica* seguia com uma piada solta. A dentucinha era geralmente acompanhada do Jotalhão e Bidu.

A casa misteriosa, que abre a edição, é sobre uma casa que aparece e some do nada. O estilo mauriciano começava a mudar. Os absurdos passavam a ter alguma explicação, geralmente como consequência de alguma mágica ou invenção maluca.

E casas misteriosas seguiram aparecendo no bairro do Limoeiro. Bem depois, em agosto de 2008, em *O sobrado assombrado do senhor Samir*, um senhor de aparência vampiresca apavorou os personagens em *Cascão 20*, da Panini.

Em 2011, foi a vez de *O homem esquisito do fim da rua*, publicada em *Cebolinha 59*, da Panini, que apresentava uma misteriosa casa, onde um homem e seus gatos geravam desconfiança ao Cebolinha e Cascão.

Apesar de ter estreado no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, em 16 de julho de 1969, o Bugu ainda era um personagem recente nos gibis – esta foi sua segunda história. Nela, o cachorro mais mala dos quadrinhos ainda se comporta como nas primeiras aparições: chega de mansinho, no canto do quadro e, tristonho, pede para participar. Mas tudo muda no final, como sempre.

Na última página da história, Bugu imita os apresentadores de televisão Chacrinha (pseudônimo de Abelardo Barbosa), Flávio Cavalcanti e Silvio Santos. Para leitores mais jovens, pode nem fazer sentido, mas para os da época foram referências e tanto.

Desde as tiras de jornal, Maurício se preocupava em abordar assuntos do momento, para gerar identificação com os leitores. Nesta, que saiu na *Ilustrada* em 3 de setembro de 1968, Flávio Cavalcanti é mencionado de novo. Detalhe: ele quebrava discos que considerava ruins em seu programa!

O sossego do Piteco mostra que, no fundo, ele até gosta da Thuga. O problema é não querer se casar. Nesta história, ela ainda tem seu visual antigo, com a cabeça ovalada e mais grudada ao corpo.

Em um antigo tabloide do *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*, Piteco já demonstrava seu arrependimento em não aceitar os insistentes pedidos de casamento de Thuga. A curiosidade fica por conta do erro no crédito da página. Afinal, o Penadinho nem deu as caras.

E falando no fantasminha, a história seguinte vem de um tabloide dos anos 1960, também publicada no *Diário de S. Paulo*. Os jogadores citados, Mauro, Pelé e Coutinho, na época faziam parte time do Santos e da seleção brasileira.

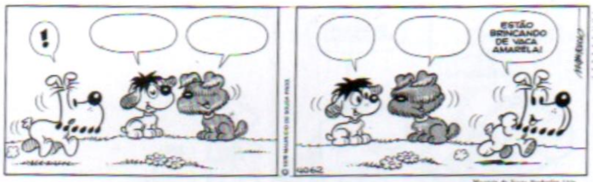
E a curiosidade é que, quando saiu em jornal, a história estava atualíssima, mas quando foi pro gibi precisaria ter sido atualizada, pois Mauro e Coutinho já não atuavam ao lado de Pelé, nem no clube e nem na seleção.

Um anjo que cai utiliza a mesma ideia de *O anjo caído* (*Mônica 7*, em *Biblioteca Mônica 1970*), e é quase que um apanhado de piadinhas e *gags*. Em 1973, a história saiu com alguns erros na colorização, corrigidos aqui.

Anjinho surgiu em 1964, nas tiras diárias da *Ilustrada*. Ele teria caído do céu porque fazia muitas peraltices, mas nesta tira de 20 de maio daquele ano, o Cascão acha que o motivo foi outro.

As brincadeiras tomaram as páginas do gibi da Mônica durante o ano de 1973. Em quase todas as edições, há pelo menos uma história em que a dentucinha convida a Turminha para brincar.

Vamos brincar de "vaca amarela" é a primeira da lista e remete à brincadeira em que todos recitavam o verso e ficavam em silêncio; quem falasse, perdia. Os versos são: *Vaca amarela / Fez na panela / Quem falar primeiro / Come tudo dela*."



A brincadeira entrou também em uma tira do Bidu, na *Ilustrada*, em 13 de janeiro de 1979.

Zum e Bum tentam assaltar um banco, mas seguem a tradição de tantas duplas de ladrões: um é o chefe espertalhão e o outro, o ajudante atrapalhado. Só que, nesse caso, não dá para saber quem é quem, pois, além de serem idênticos, eles não falam seus nomes uma só vez.

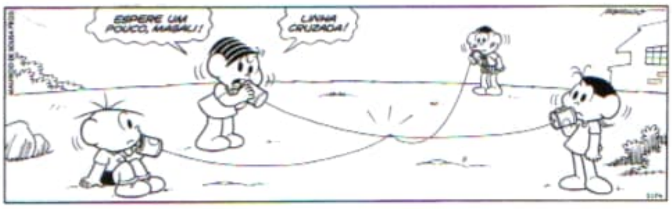
A dupla já praticava seus assaltos bem antes, nos jornais. Numa história seriada de 1962, eles tentaram roubar alfaces e machadinhas do forte real. Mas, pra variar, se deram mal.

Já em uma sequência de tiras de 1965, Zum e Bum levam as pedras da joalheria de Lem, só para colocar a culpa no Piteco.

No ano seguinte, eles até tentaram entrar na linha e se regenerar, mas levaram a culpa por um assalto que, na verdade, foi forjado pelo dono da joalheria. Desta vez, eles se provaram inocentes, mas, mesmo assim, tiveram que passar algum tempo na prisão.

Mais uma história do Horácio que saiu antes na *Folhinha de S.Paulo*, em 6 de outubro de 1963, adaptada para o gibi, com novos traços, de acordo com o visual da época.

O dinossaurinho se deixa levar pela conversa de Sabrino, um ardiloso tigre-dentes-de-sabre, que mais uma vez tenta ludibriar nosso amiguinho dinossauro. Todos os tabloides produzidos por Mauricio para o suplemento foram compilados nos quatro volumes da coleção *Horácio Completo*, da Pipoca & Nanquim.



Raposão fica encantado pelo progresso e a era das comunicações que chegam à mata em *Alô, Raposão*. O tal telefone de lata hoje pode até parecer sem graça, mas naqueles tempos pré-internet, ouvir a voz do amigo a metros de distância era coisa do outro mundo! Curiosidade: os filhotes do Coelho Caolho são chamados pelos nomes.

O telefone de lata apareceu em várias tiras da Turminha. Para quem viveu a época, era mesmo uma maravilha "tecnológica".

Outra história que é baseada em versos de uma brincadeira infantil é *Era uma vez um gato xadrez*. E, por mais estranho que possa parecer, o bichano já havia feito uma ponta em uma antiga tira do Bidu, publicada na *Ilustrada*, em 10 de março de 1966.

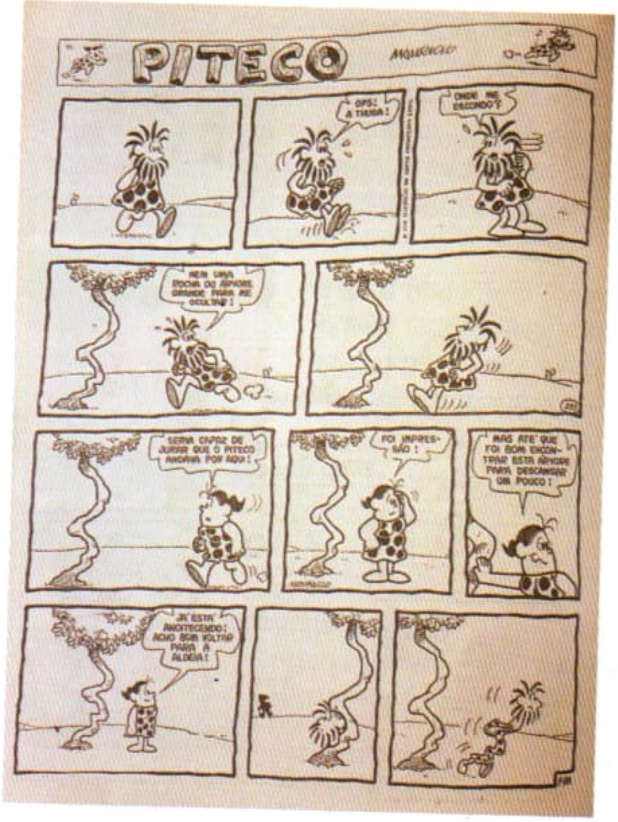
Cascão vive as amarguras de ser tão sujinho em *Cascão, o solitário*. Mas quem nunca se sentiu meio pra baixo, afinal de contas?

Note que o balão está "derretendo" quando ele fala sozinho. Esse recurso expressa tristeza, desdém, desprezo, amargura e até ironia.

Embora esse não seja um comportamento característico do personagem, Cascão já ficou na fossa algumas vezes, como nesta tira que saiu na *Ilustrada*, em 20 de maio de 1964.

Andar de elevador não é mais novidade pra muita gente hoje, mas na época de *Sobe*, era. E a Turminha assume as consequências da traquinagem que pratica. Em 1973, por um descuido na revisão, Cebolinha fala "presos" e não "**plesos**". O erro foi arrumado aqui.

Cascão já foi responsável por fomentar o pânico em outra história num edifício. O grupo de pessoas passa por poucas e boas, por causa do seu cheirinho em *Elevador da bagunça*, publicada em *Cascão 29*, da Abril, em setembro de 1983.



Fechando a edição, mais uma aventura do Piteco arranjando sempre um jeito de se esconder da Thuga. A história saiu anos antes nas páginas do *Diário de S. Paulo*.

Nesta revista, saiu um anúncio do primeiro número do gibi do Cebolinha, que estrearia naquele mês. E a revista do troca-letras ganhou publicidade em outros veículos da Editora Abril, como nesta, em quadrinhos, publicada na *Placar*, especializada em futebol, que nos foi gentilmente enviada pela leitora Hérida Salgado.

Mônica # 34 (fevereiro de 1973)

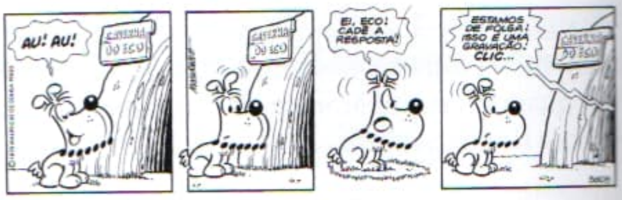
A edição de carnaval, com direito ao Jotalhão em destaque na capa (afinal, era a época das propagandas televisivas da Cica), abre com *Levitação*. Desta vez, Mônica não encontra nenhum livro abandonado pelo campinho, ela compra um.

Essas obras apareciam muito nos gibis da Turminha, ensinando a fazer ventriloquismo, hipnotismo e alguma mágica, como a levitação. O melhor é que o truque sempre funcionava, mas algo acabava saindo errado no final. Esta história é um apanhado de piadinhas curtas, que poderiam ser transformadas em tiras.

Aliás, algo semelhante acontece nesta tira publicada em *Mônica 113*, da Abril, em setembro de 1979. Só que, desta vez, é a Magali quem carrega um livro de levitação.

Alguns personagens traziam seus nomes como títulos de suas histórias. Isso acontecia com Astronauta, Turma da Mata, Horácio e Bidu, que nesta edição já deixa claro que a sua aventura seria uma brincadeira com o eco.

O uso constante de cavernas é algo que vem das tiras. Mauricio sempre teve alguns cenários predefinidos em seu método de criação. A caverna do eco é uma grande rocha com um túnel, representado sempre à direita do quadrinho.



Cavernas assim apareceram várias vezes nas tiras do Bidu. O que muda é a piada, que nunca é a mesma. Estas tiras são de 1978.

Na tira publicada na *Ilustrada*, em 9 de maio de 1968, é o Cebolinha que faz sua graça na tal caverna do eco.

O título *Vamos ao baile* leva a pensar que a Turminha aprontará confusão em alguma festa. Mas o tal baile nem ao menos acontece. Ele é somente a desculpa para o compromisso e, claro, o motivo das piadas.

Assim como nesta história, a tira publicada na *Ilustrada* em 29 de dezembro de1972 mostra que, para o Cascão, estar bem-arrumado para uma festa não é necessariamente vestir-se com roupas bonitas e limpas.

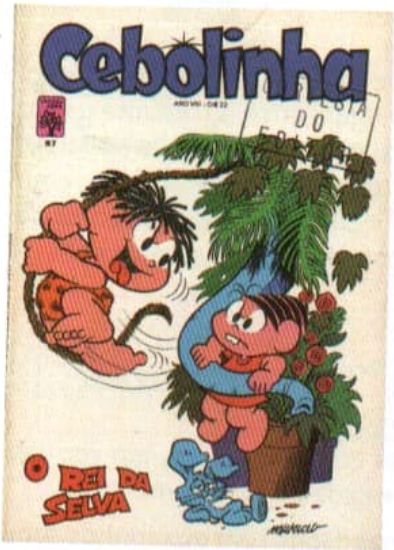
Às vezes, o Horácio deixava de lado as sagas mais longas para estrelar histórias de duas páginas adaptadas de um tabloide – neste caso, publicado em 26 de janeiro de 1969, na *Folhinha*. Aqui, Lucinda se aproveita da ingenuidade do dinossaurinho para colocar em prática seus "planos infalíveis".

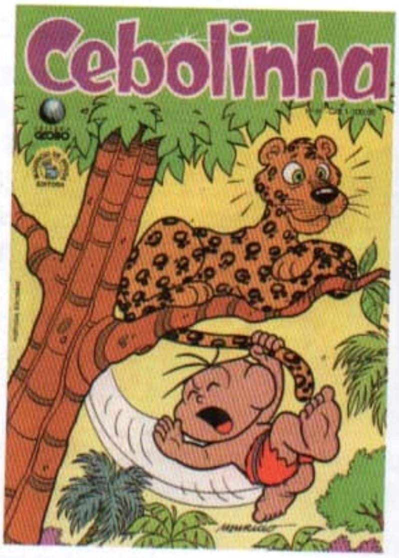
O patinho que ia cair na cachoeira é um clássico. Mauricio conta uma aventura toda sem desenhar cenários. Usa só Cebolinha e Mônica desenhando num muro. Embora não seja nada recomendável rabiscar muros, esse roteiro é brilhante pela criatividade.

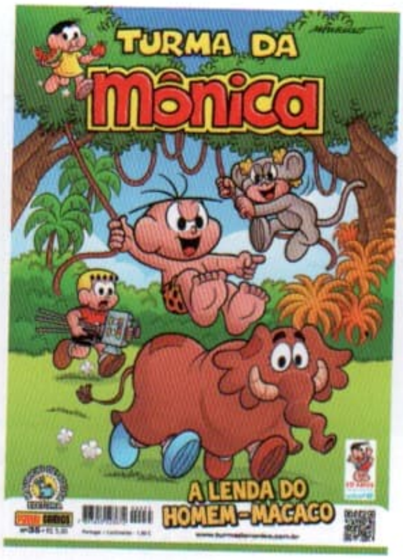
Hoje, os personagens desenham num papel que é colado ao muro, mas, naquela época, rabiscavam diretamente na parede. Fato raro é a Mônica fazer isso. Nesta tira de 1978, não só ela, mas também Magali apronta essa traquinagem.

A história de três páginas da Mônica é permeada pelo inexplicável. Não se sabe como ou por que o espelho fala. Como o roteiro é bem irreal, não há cenário de fundo, fortalecendo a metalinguagem.

Já nesta tira, de 1984, o espelho é bem real e, por isso, não fala. Mesmo assim, não deixa de ser uma boa piada.

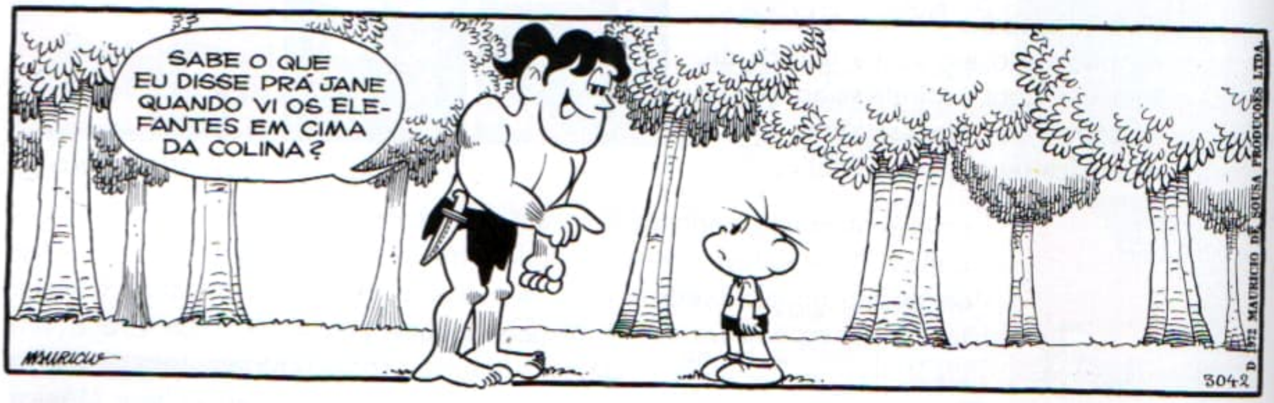






O Tarzan! explora um tema bastante usado nos gibis da Mônica: alguém fingir que era o rei das selvas, numa brincadeira. Esta história poderia ter mais páginas. Tanto que a ideia rendeu aventuras em outros gibis e até piadas nas capas, como se vê em *Cebolinha 87*, de abril de 1980, pela Editora Abril; *Cebolinha 61*, da Globo, em janeiro de 1992; e *Turma da Mônica 135*, da Panini, em março de 2018. Algumas das imagens acima nos foram enviadas por Edson Diogo, do Guia dos Quadrinhos.

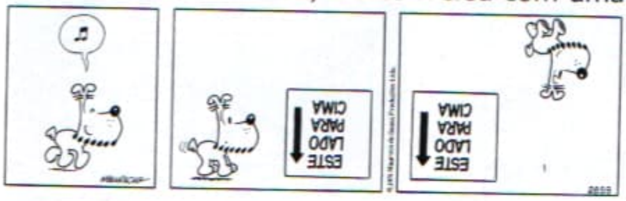
E numa tira do Cebolinha publicada na *Folha de S.Paulo*, em 23 de dezembro de 1972, o próprio Tarzan faz uma participação especial.



Em *O longo*, Mônica não esconde sua frustração por não ter o que usar na festinha. Era o reflexo do que acontecia na época. A rua Augusta, em São Paulo, por exemplo, até hoje tem muitas lojas para jovens.

Mônica não apareceu com o tal longo na história, mas isso não só aconteceu em outras ocasiões futuras, como nessa animação dos anos 1970, em que ela e Cebolinha anunciam um novo produto da Cica, o molho de maionese *rosé*.

Na história do Bidu, ele conversa com uma caixa que insiste que está de cabeça para baixo. Esse tipo de metalinguagem era bastante usado nos gibis e nos jornais. O cão azul não só falava e interagia com objetos, mas também com caracteres, avisos e sinais. Esta tira da *Folha de S.Paulo* de 13 de maio de 1975 é exemplo disso.



Note que as páginas 2 e 3 de *Uma história misteriosa* são divididas em três colunas, em vez das convencionais duas, e podem ser lidas na vertical, seguindo a ação de cada personagem.

Para acentuar o barulho e o clima de mistério, Mauricio usou apenas "sons" em quadrinhos com grandes letras, na página inteira.

O mesmo acontece nesta tira clássica do Cebolinha, que saiu na *Ilustrada* em 6 de dezembro de 1968.

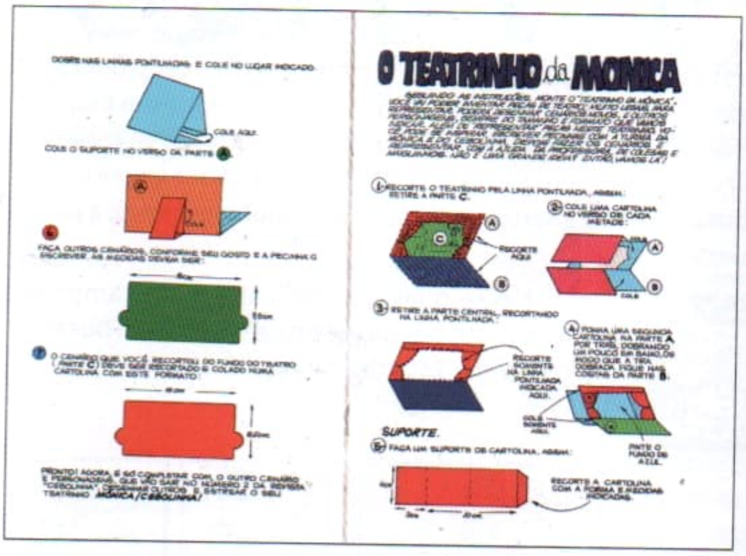
Vamos brincar? encerra a edição. Ao menos desta vez, o Cebolinha não faz nenhum plano infalível, mas acaba se dando mal do mesmo jeito.

Esta é a segunda história deste volume inspirada em uma brincadeira.

E tem uma curiosidade no título, pois *Vamos brincar?* foi repetido em outra aventura, na edição 36.

Esta edição trouxe um brinde para os leitores: em papel cartonado, no miolo da revista, veio o cenário do *Teatrinho da Mônica* para ser montado. Ele fez dupla com *Cebolinha* 2, que tinha os personagens da Turminha para serem recortados.

As páginas traziam instruções para montar o teatrinho, enquanto a Mônica e o Cebolinha anunciavam, em uma propaganda, a segunda parte do brinquedo, que sairia na edição seguinte.



Mônica # 35 (março de 1973)

Logo na capa, o Bugu dá uma de cachorro-propaganda e lembra (bem do seu jeito entrão) a todos que saiu a revista do *Cebolinha*.

O poço abre a edição. Muito antenada com os assuntos daquela época, a história se originou de uma notícia sobre a falta de água durante o verão de 1973. O desenho é típico do Mauricio naqueles tempos: faces estilizadas e sem pescoço.

Com uma abordagem bem diferente, uma história do Papa-Capim, publicada em outubro de 1994, na revista *Mônica 94*, da Globo, usa o mesmo tema, mas o objetivo não era encontrar água, e sim coragem.

O roteirista de *Brrrrrr!* está desesperado por inspiração. Trata-se de Marcio Araujo, irmão do Mauricio nas horas vagas. Músico, foi ele quem inspirou o personagem Mano, da antiga tira *Os Sousa*. E como logo também se tornaria roteirista do estúdio, escreveu muitas histórias e fez várias participações nos gibis.

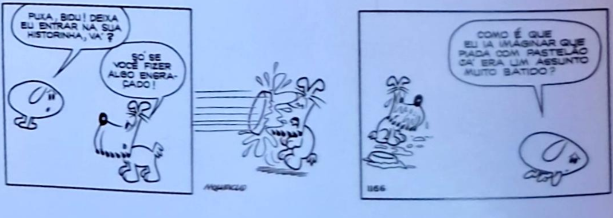
Os Sousa foi uma série de tiras criada por Mauricio em 1966, mas foi só em 1967 que o folgado Mano fez sua estreia. Ele foi visitar seu irmão e da sua casa nunca mais saiu – para desespero da cunhada.

Limoeiro deve ser o bairro com mais buracos a céu aberto no mundo. Em *O buraaaaaaaaa*, a piada já está no título, que faz alusão a uma queda.

Nesse quesito, Cebolinha é um campeão! Nunca um personagem caiu tanto em buracos como ele. Esta tira de 1977 é só uma delas.

Naquela época, os nomes Bidu e Bugu se tornaram quase fixos na abertura das aventuras. Era impossível falar de um sem lembrar do outro. Na desta edição, há também uma história dentro da história: *O telefone*.

Nas suas primeiras tiras, Bugu era tristonho e humilde. Mesmo assim, se Bidu já perdia a paciência com ele, é porque não imaginava o que viria pela frente. Esta tira foi publicada em 17 de julho de 1969, na *Folha de S.Paulo*.



Em *Os garotos "propaganda"*, uma empresa que vende um *spray* de creme de abóbora convence Mônica e Cebolinha a estrear um comercial. E tem uma curiosidade: o agente chama a Mônica pelo nome sem ela ter se apresentado, e o leitor tem que deduzir que isso aconteceu entre um quadro e outro.

Não foram poucas as vezes em que Mônica e seus amigos foram parar em comerciais ou, pelo menos, quase. Na história *O dente-propaganda*, publicada em abril de 1983, em *Mônica* 156, da Abril, a dentucinha veste uma parafernália para fazer o anúncio de uma pasta de dentes.

Muitas das divagações da Mônica em *Já sou uma mocinha! / Já sou um mocinho!* lembram – inclusive pelo título – outra história: *Menina-moça*, publicada na terceira edição da dona da rua (veja a *Biblioteca Mauricio de Sousa – Mônica 1970*).

A Mônica se imaginar já mocinha era mesmo novidade naquela época, mas isso viria a ocorrer em *O mistério das models*, quando ela e Magali apareceram crescidas e um tanto magrelas e desajeitadas. Esta história hilária foi publicada em *Mônica* 107, da Globo, em novembro de 1995.

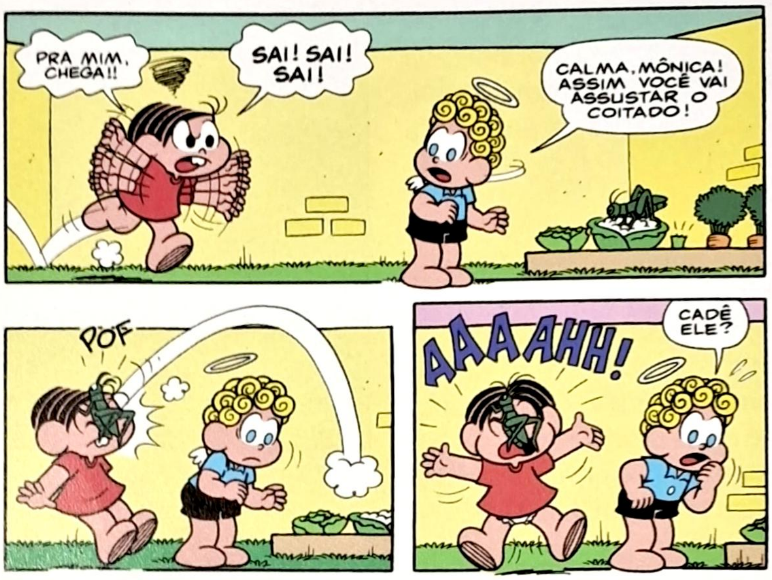
E não podemos esquecer da dentucinha e toda a turma já mocinhos, no universo da *Turma da Mônica Jovem*. A revista foi lançada em setembro de 2008 e segue conquistando o coração de milhares de leitores, com direito até a série de animação no Cartoon Network e a um longa-metragem, lançado no final de 2023.

A Mônica se mete a ensinar em *English course*. E, como é natural por ser uma criança, dá uma escorregada na frase "Today, the time is fine", pois como se refere a condições meteorológicas (e não de tempo cronológico) o correto seria usar *weather*, e não *time*.

A língua inglesa também serviu de inspiração para as piadas nas tiras de jornais. Nesta, de 1969, na *Ilustrada*, Cebolinha sai pela tangente. Mas fica uma dúvida: ele pronuncia "help" com "R" ou com "L"?

Já em 1973, o troca-letras tira uma dúvida com uma menina e fica sem entender nada. Mayra foi inspirada em uma sobrinha do Mauricio que vivia em Nova York.

E em 1971, Mônica, se "achando" por falar inglês "muito bem", fez amizade com um garoto que passou a ser o seu tradutor.



A horta – Cebolinha era quem fazia dupla na maioria das histórias da Mônica. Importante lembrar que, na época, Magali era a única outra menina da Turma e, mesmo assim, pouco aparecia.

Anos depois, em *Tem dinossauro na horta*, que saiu em *Mônica* 170, da Globo, em outubro de 2000, o dinossauro do título não é nada mais do que um gafanhoto!

Mônica decide vender pirulitos para poder comprar uma boneca, em *A piruliteira*. Quando o trabalho infantil não era visto como crime, vale notar que sua mãe apenas diz que já deu sua mesada, sem mencionar em momento algum que criança não deve trabalhar. Eram outros tempos.

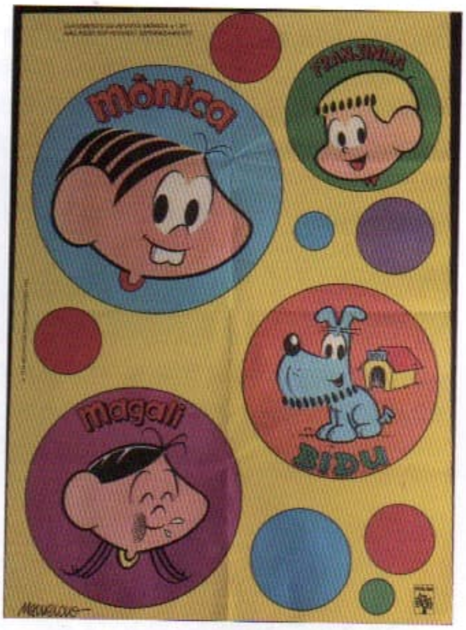
Outra HQ com pirulitos que também não sairia hoje, pela mesma razão, é *Os pirulitos do Tio Teleco*, que foi publicada em *Magali* 23, da Globo, em maio de 1990.

A nossa comilona favorita apronta uma baita confusão ao vender doces para ajudar o piruliteiro do bairro a comprar um novo carrinho.

Mônica # 36 (abril de 1973)

Foi neste gibi que começou a famosa coleção de pôsteres da *Turma da Mônica* dos anos 1970. Não foram poucas as crianças que tiveram seu quarto decorado com esses cartazes.

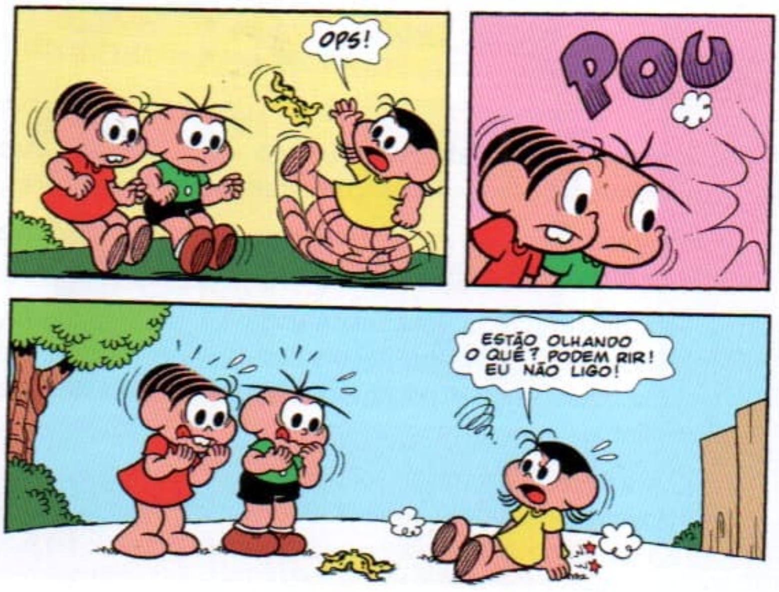
O primeiro trazia Mônica, Magali, Franjinha e Bidu. Saíram dois na revista da dentucinha e dois na do Cebolinha. E eles não estão incluídos na *Biblioteca*, mas serão reproduzidos nesta seção. As imagens foram enviadas pelo colecionador Dario Lucchesi.



A maneca é uma das tantas histórias em que a Mônica tenta ser manequim. Em uma época em que os personagens viviam suas aventuras sem a ajuda dos pais, ela decide ir sozinha à agência. A Turminha se inscrevia em concursos, se candidatava a empregos, andava pra lá e pra cá e tomava suas próprias decisões.

O mesmo acontece em *A modelo*, que saiu em *Mônica 96*, da Abril, no mês de abril de 1978. Só que, nesse caso, um descobridor de talentos a convence desfilar. E dá certo!

Já, em *O modelo*, de fevereiro de 1978, publicada em *Mônica 94*, da Abril, é Jotalhão quem decide estrear nas passarelas. Para isso, ele conta com a ajuda de Mônica e Magali. Como curiosidade, Marcio Araujo faz mais uma ponta nessa história.

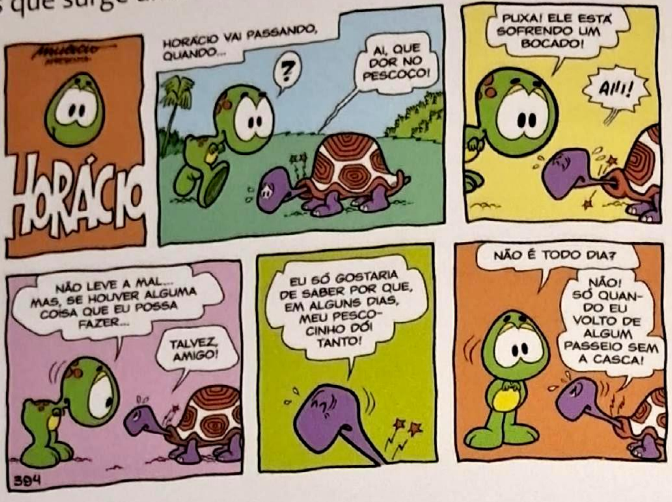


Que tal mais um roteiro sobre as brincadeiras de infância? *Vamos brincar de sério?* traz um tema que foi usado várias vezes. O motivo é quase sempre o mesmo, mas o desfecho muda a cada história.

Com uma pequena variação no título, *Vamos brincar de sérios?* é bem parecida, mas não igual. Esta foi publicada quase 20 anos depois, em setembro de 1993, pela Globo, em *Mônica 81*.

No estranho mundo do Horácio, cheio de dinossauros, dragões, gigantes, homens das cavernas, seres cósmicos e outros bichos esquisitos, eis que surge uma tartaruga.

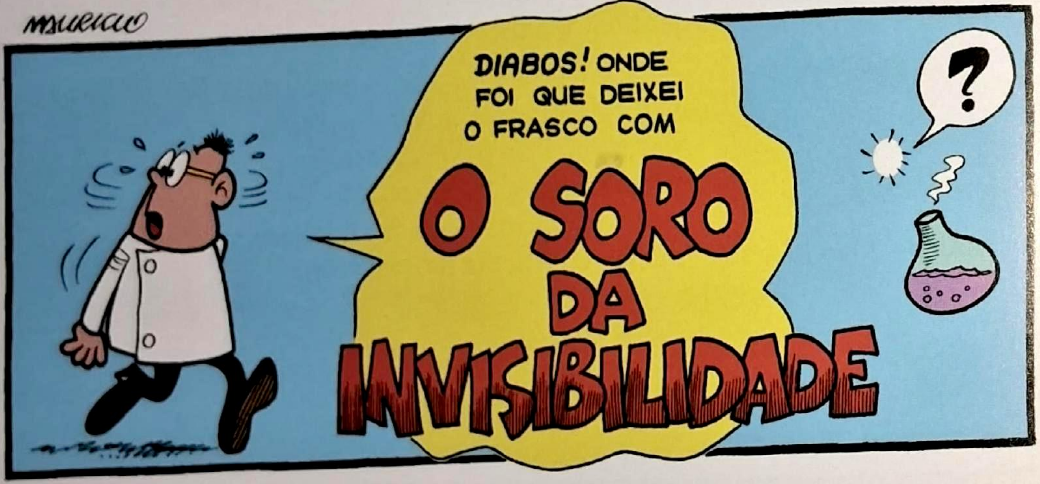
Mauricio nunca tentou explicar como aqueles animais modernos, pré-históricos e imaginários coexistiam. E não precisava. É por isso que as aventuras do dinossaurinho são tão especiais até os dias atuais. Elas não envelhecem, mesmo que ambientadas em um tempo muito distante.



Esta história saiu antes na *Folhinha de S.Paulo*, em 21 de março de 1971. Mais uma vez, o traço foi refeito e houve um ajuste na diagramação dos quadros.

Se existisse uma revista do Cascão na época, *A pílula antiágua* seria uma ótima história de abertura. Coincidentemente, a trama lembra muito *Cascão não quer sabão*, que saiu em *Mônica* 1, da Abril, em maio de 1970 (que está também em *Biblioteca Mônica – 1970*).

Uma curiosidade: Mauricio costumava usar um padrão para retratar cientistas malucos. Eles tinham pouco cabelo e eram meio gordinhos. Se quiser conferir, veja o que apareceu em *O soro da invisibilidade*, que está na mesma edição mencionada no parágrafo acima.



Mauricio criou a Turma da Mata dentro de um universo de muito tempo atrás. Por isso, nas primeiras histórias, os bichos não faziam uso de invenções modernas, como telefones e televisores.

Com o tempo, isso foi mudando. Os personagens migraram para o tempo atual e com isso houve certa liberdade para inserir aparelhos feitos por humanos nas histórias.

Na desta edição, eles usam um projetor de cinema, mesmo que a tela seja as costas do Jotalhão. O detalhe é o filme que eles assistem, em que os astros são Mônica e Cebolinha, veja só.

Esta ilustração ao lado foi publicada na *Folhinha*, em 12 de novembro de 1967. Aqui, Coelho Caolho e sua filharada vão a um cinema verdadeiro para assistir... *Horácio no país dos napões*.

Por falar em mistura de turmas, a história seguinte é emblemática. *Viagem no tempo* é o destaque da edição. Franjinha reaparece como protagonista e a Turminha encontra o Horácio numa aventura surpreendente para a época.

Os personagens lidam com um menino ciclope gigante, plantas encolhedoras, dialetos estranhos, pensamentos transmutadores, máquinas de tábuas com pregadores e outros elementos que a tornam um exemplo de imaginação.

Ela não era inédita, pois saiu antes na *Folhinha*, de 10 de janeiro a 14 de março de 1971. A diferença entre elas é pouca. Alguns quadros foram redesenhados e também foi feita uma nova diagramação.

Os personagens vez ou outra contracenavam em algum anúncio ou recado, mas era raro vê-los na mesma história. Isso aconteceu outra vez, quando toda a turma do Mauricio, incluindo a hoje desconhecida menina Augustinha, se reuniu num tabloide também publicado na *Folhinha*, em 6 de setembro de 1964 – veja um trecho dele abaixo.

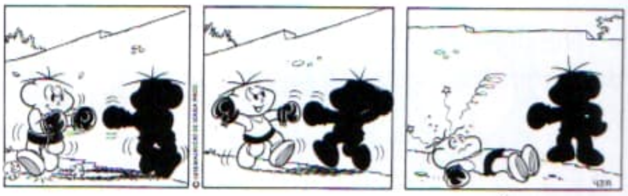
Nesta edição saíram duas publicidades da Turminha. A primeira, da coleção de pôsteres, e a outra dos carimbos dos personagens, da Brinquedos Coluna.

Mônica # 37 (maio de 1973)

Esta edição trouxe como brinde mais um pôster. Desta vez, com imagens de Piteco, Thuga, Pipa, Rolo, Coelho Caolho e família e Jotalhão.

Em *A sombra*, Mauricio de Sousa, inspirado por Peter Pan, brinca com a ideia de que uma sombra cria vida por estar indignada por ser o que é, e sai por aí. Este é mais um daqueles roteiros em que as coisas simplesmente acontecem. Não é magia nem invenção. O desenho é de Sidnei Lozano Salustre, que trabalha até hoje no estúdio, e a arte-final, do saudoso Sergio Tiburcio Graciano, que faleceu em 2019.

As curiosidades são o Bidu "pensando", já que nas histórias da Turma ele age apenas como cão, e que, nos anos 1970, as casas da Mônica e do Cebolinha tinham escadas.



Em duas tiras, de 1974 e 1978, respectivamente, Mônica e Cebolinha praticam boxe com suas sombras. Elas também criam vida, mas os resultados são bem diferentes.

Não, não é a clássica música do mestre Gilberto Gil, mas *Domingo no parque* acaba sendo, de certa forma, uma referência a ela. Na época, era comum a inclusão de trechos das letras de sucessos nos roteiros. Por isso, o domingo no parque da Turma, apesar de não se inspirar no conteúdo, é uma homenagem à canção.

O próprio Gilberto Gil chegou a ser homenageado nesta tira do Cebolinha, que saiu na *Ilustrada* em 8 de dezembro de 1968, com o Cascão cantando uma adaptação da música *A luta contra a lata*.

Em setembro de 2009, ele apareceu *in persona*, cantando *No woman, no cry*, em *Só uma entrevista, por favor*, que saiu em *Tina* 5, da Panini.

Tarugo, com seu jeitão meio esquentado e teimoso, já marcava época em *Tarugo quer voar*. Após ter bolado rodinhas, ele agora cria um par de asas falsas. Mas, depois disso, desistiu de ser inventor por um bom tempo.

No entanto, para se ter uma ideia de como seria um jabuti voador, nesta tira de 1975, um anjo da guarda decide ajudá-lo, e arruma uma baita confusão.

Eis que Mônica se declara fã do maior vendedor de discos do Brasil: Roberto Carlos, que bombava nas paradas de 1973, com *Proposta*. Na época, a garotada toda curtia as músicas do "Rei" e se hipnotizava pelo seu charme.

Em *A enigmática*, há uma mistura legal de estilos: o desenho da Turminha com o realista do *outdoor* do cantor.

Parece que Cebolinha, ao descobrir o segredo da Mônica, não deixou por menos e transformou isso em um remendo de frase que quase o faz entrar em uma fria. A tira, publicada em 30 de maio de 1973, na *Ilustrada*, pegou a onda da própria história.

No ano seguinte, também no jornal, Magali fez uma apresentação para a Turminha com a música *Eu quero apenas*, mais um sucesso de Roberto Carlos.

Mas o "Rei" já era destaque nos quadrinhos de Mauricio antes disso. A Jovem Guarda estava na voz e no coração da garotada dos anos 1960. Por isso, nessas tiras do Bidu, de 1967, Roberto e Erasmo Carlos deram o seu recado.

O sucesso era tanto naquela época, que Mauricio teve a ideia de lançar um gibi de Roberto e Erasmo Carlos, no qual a dupla vivia aventuras e perseguia bandidos. Uma história, com o título *O segredo da guitarra*, foi produzida para anunciar a publicação, numa matéria da revista *Intervalo*, da Abril. Mas o projeto nunca foi lançado. A imagem à esquerda foi enviada pelo jornalista Francisco Ucha.

Em nenhum momento da história do Horácio, que saiu originalmente na *Folhinha*, de 7 a 21 de novembro de 1971, os extraterrestres mostram sua aparência, tampouco seus inimigos, os tais chapitus. Bem ao estilo do Mauricio.

Em outra história, publicada em *Cebolinha* 58, da Abril, em outubro de 1977, que também saiu antes na *Folhinha*, Horácio que é feito de chapéu, quando uma dinossaura o ajuda a atravessar o rio e o deixa em cima de sua cabeça. O motivo? Ela participaria de um concurso de chapéus.

Devido a uma chuva inesperada, a Turminha resolve brincar de... *Bingo*! Com direito a muitas piadas relacionadas a cada personagem, como a fome da Magali e os cabelos do Cebolinha.

Em 1973, houve alguns erros de colorização, como o vestido da Magali vermelho!

Pros mais novos: a música mencionada pelo Cebolinha, *Tomara que chova*, é uma clássica marchinha do Carnaval de 1950, que foi sucesso na voz de Emilinha Borba.

Numa primeira olhada, já há pistas de que *A campeã* seja uma história escrita e desenhada por Mauricio de Sousa, pelos ângulos nos desenhos dos personagens, o texto e a presença do Franjinha sempre no meio da Turminha.

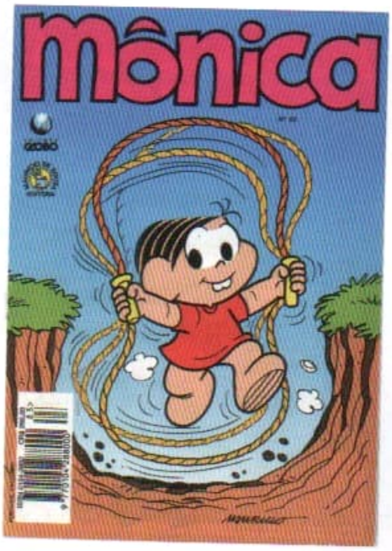
Observe como o empresário e o lutador "voam" depois de levar uns sopapos da Mônica. Agora, volte algumas páginas e observe como a dentucinha "voa" depois de apanhar da sua sombra na primeira história. Esse estilo de cena e desenho – cheio de estrelinhas – é bem típico da Turma.

Nicão lembra o famoso Montanha Suja, de uma história que saiu em *Cascão* 1, da Abril, em agosto de 1982 e virou desenho animado em 1987. Ele era o ídolo do Cascão, por ser um lutador "sujo".

A ideia do personagem Montanha Suja vem de muito antes, como se vê nesta tira de 19 de maio de 1966, publicada na *Ilustrada*.

Nesta edição, saíram as mesmas duas propagandas da edição anterior: da coleção de pôsteres e dos carimbos da Brinquedos Coluna.

Mônica # 38 (junho de 1973)



Como era comum na época, tanto a Abril como outras editoras colocavam na capa em qual ano a publicação estava – neste caso, IV.

Por aproximadamente 35 anos, somando Abril e Globo, as capas só apresentaram piadas visuais.

Por isso, não era raro algumas serem bem semelhantes. Esta, por exemplo, teve uma "releitura" na edição 83 da Globo, de novembro de 1993. Em 2007, na Panini, as *gags* foram substituídas por cenas das histórias.

Hoje, com a internet e tantos recursos de informática, é fácil para a criançada fazer um jornal. Mas nos anos 1970 não era bem assim. A impressão caseira era em mimeógrafo – um tipo de impressora a álcool – ou folha de carbono. Era muito difícil (e caro) fazer em uma fotocopiadora.

Como a Turminha não tinha nem papel, resolveu rabiscar a parede, o que jamais aconteceria nos gibis atuais.

Como em tantos roteiros do Mauricio, ele incluiu o Anjinho participando das brincadeiras como uma criança travessa.

E até o Jotalhão já se aventurou a ter um jornal, contando as notícias do reino da mata. O problema é que, como não acontecia muita coisa, ele desistiu da ideia rapidinho.

Aquele Bugu tristonho e cauteloso parece ter ficado no passado. O cãozinho amarelo começa a se encher de confiança e, com isso, se tornar (mais) insuportável. A história termina com a famosa frase de John Lennon: "O sonho acabou", que, mesmo três anos após a dissolução dos Beatles, já havia se transformado num chavão.

A frase seria repetida várias vezes nas histórias, como suporte para alguma piada. Em *Os 4 garotos do parque*, é o próprio Lennon que a profere, deixando Magali indignada. Esta foi publicada em setembro de 2006, em *Parque da Mônica* 165, da Globo.

Já em *Os Bídus*, não foi o sonho, mas, sim, o osso que acabou. Saiu em *Mônica* 149, da Globo, em março de 1999.

O Espantalho é mais uma história do Mauricio. Basta um olhar atento no desenho para reconhecer seu estilo. Aquele jeito que a Mônica abre os braços ao falar com a Magali é típico dele.

Além disso, o espantalho assustador remete a uma antiga tira do autor, de 1963, mas a semelhança termina aí. Afinal, faz muito tempo que, nas histórias, só há passarinhos bem vivos.

Mais uma brincadeira que foi parar no gibi! *Siga o chefe* já foi tema de várias histórias, não só da Turminha, mas também de outros personagens, como Bidu, nesta que saiu em outubro de 2011, na revista *Turma da Mônica* 58, da Panini.

Não só os grandes répteis habitavam o mundo do Horácio. Havia também muitos bichos peludos.

Outra dica para reconhecer uma aventura mauriciana: o uso frequente de diminutivos no texto, como "hibernaçãozinha".

Na versão original dessa história, que saiu na *Folhinha*, em 18 de abril de 1971, também as cores foram diferentes.

Confira a seguir outros peludos com que Horácio contracenou nos tabloides da *Folhinha*.

Teve o líder de uma aldeia que usa nosso comedor de alfaces para vender um miraculoso xampu para cabelos, ou pelos, em 24 de junho de 1973. Um filho que recebe conselhos do pai, caso veja algum ser pelado pela frente, em 7 de setembro de 1980. E que tal este casal do tabloide de 2 de novembro de 1980? Por fim, até mesmo o Horácio ficou peludo, devido a uma "aguinha" misteriosa, em 2 de fevereiro de 1969.

Mônica de chapéu de palha e botas? Mais uma história para dar ares interioranos ao bairro do Limoeiro. Ao desenhar, Mauricio costumava dar personalidade até a coadjuvantes anônimos. É um detalhe aqui e ali, mas que faz a diferença. O cachimbo e o gorro tapa-orelhas do primeiro personagem e o senhor de avental, óculos e bigodinho são marcantes.

Uma pequena curiosidade: no último quadrinho da segunda página, uma desatenção na arte-final fez com que a linha da árvore ultrapassasse o limite do balão da fala. Este erro foi consertado mais tarde, mas confira o original ao lado.

No prólogo da história do Astronauta, Mauricio descreve em poucas palavras a filosofia do poema *A dream within a dream* (*Um sonho num sonho*), de Edgar Alan Poe.

Um verso diz: "Tudo o que vemos ou parecemos não é mais que um sonho dentro de um sonho". Assim eram as antigas aventuras do herói espacial, com mundos paralelos, realidades alternativas e multiversos povoados por criaturas singulares ou até mesmo por humanos. Uma trama meio assustadora, mas com um final que deixa o leitor com um pontinho de interrogação: tudo seria um sonho dentro de um sonho?

Essa não foi a primeira vez em que Astronauta encontrou a si mesmo. Em tiras seriadas de 1968, ele enfrentou uma versão maligna (e ciumenta) de si mesmo.

Pouco tempo depois, surgiu outro sósia, desta vez mais amistoso.

Em 1972, Astronauta topou com mais uma cópia, agora na Terra, ao lado do amigo Ditão, em nova história seriada. Mas qual deles seria o verdadeiro?

Hoje, nem todo mundo sabe que havia pombos que levavam mensagens, escritas em um papelzinho enrolado em suas patas. Em 1973, isso já não era comum, claro, mas a prática era bem conhecida. Tanto que a Mônica tenta usar um.

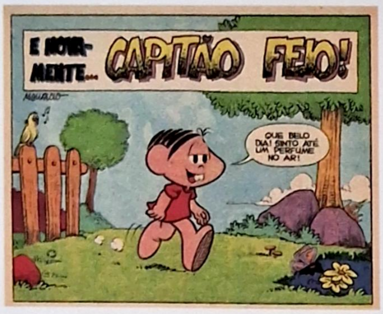
Curiosidade: esta foi a primeira vez que apareceu o endereço de um personagem da Turma – o Cebolinha morava na Rua Eunice, 787.

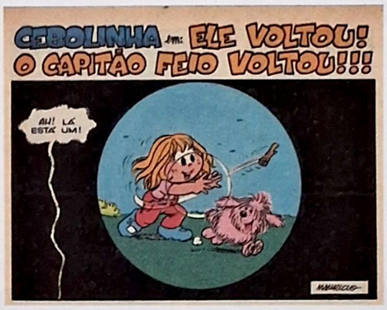
Mais um pombo-correio daria as caras 11 anos depois, em 1984, na história *Vem, pombinho, vem!*, de *Mônica* 191, da Abril. E a dona da rua acha, novamente, que ele estava trazendo uma mensagem para ela.

Mônica # 39 (julho de 1973)

O Capitão Feio havia estreado em *Mônica 31*, em 1972. Cronologicamente, portanto, esta é sua segunda história. Nessas primeiras aventuras, o Cascão sempre se rendia às ideias do vilão, que por um bom tempo foi seu ídolo.

Na fase da Editora Abril, o Capitão Feio era vencido e sumia por um tempo. Quando retornava, em *Mônica*, *Cebolinha* e, depois, *Cascão*, os títulos já adotavam um tom bem dramático, como se vê: *E novamente... Capitão Feio!* (julho de 1973), *Novamente às voltas com o Capitão Feio* (abril de 1974), *A terrível volta do Capitão Feio* (maio de 1978), *O Capitão Feio volta a atacar!* (abril de 1979), *Ele voltou! O Capitão Feio voltou!!!* (novembro de 1980) e *A diabólica volta do Capitão Feio* (setembro de 1982).

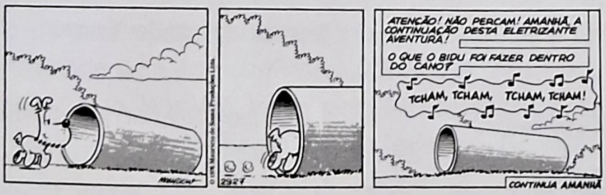


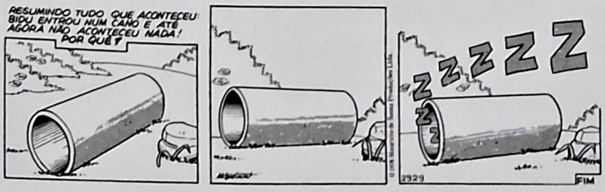


Pode parecer estranho, mas para um roteirista, às vezes, a parte mais difícil é bolar um título. Nos que só traziam o nome do personagem, isso não era problema, mas imagine este: *Emoção! Ternura! Mistério! É o que vocês encontrarão nesta aventura envolvente e empolgante da Mônica.* Talvez tenha sido um dos mais longos até então.

Com o passar das décadas, viriam outros enormes, como *Além do óbvio ululante que pulula nas mentes humanas*, *O dia em que Dirceu Antônio ia se declarar para Gerusa Raquel* e *Sejam bem-vindos à comemoração da primeira Festa da Mamona do bairro do Limoeiro*.

Na história desta edição, porém, Mauricio brinca com a narração das novelas e dos programas de tevê, de forma mais hilária do que emocionante, terna ou misteriosa. Note que os dois quadrinhos em branco não estão na história por acaso. Eles fazem parte da narrativa e funcionam como piada.





Em uma história do Bidu, que saiu na *Ilustrada*, dividida em três tiras de 1976, o suspense é apresentado por um misterioso narrador. No mesmo estilo usado no gibi.

Jotalhão e a plástica é uma das poucas histórias que saíram antes no gibi, para depois ser transformada em tiras. Isto é... quase! Em 1976, começaram o processo da adaptação, mas por algum motivo desconhecido, ele foi abandonado. Só restaram as artes, sem margem, balões e textos e desenhos colados. É uma das raras histórias com participações de humanos na Turma da Mata.

E você notou que, sem mencionar o nome, o tal doutor faz uma pequena referência ao Dumbo, personagem da Disney, quando diz "Aquele outro elefantinho de desenhos animados"?

Quando Mauricio começou a passar histórias para outros desenhistas, ele ficou apenas com as duas de que não abria mão: Horácio e Turma da Mata.

Houve duas histórias anteriores sobre operação plástica na tromba do Jotalhão. A primeira começou a ser publicada em 27 de janeiro de 1966, na qual ele entra em conflito com sua aparência e, embora não quisesse fazer nenhuma intervenção cirúrgica, decide aceitar a sugestão dos amigos. Claro que, no fim, isso não acontece.

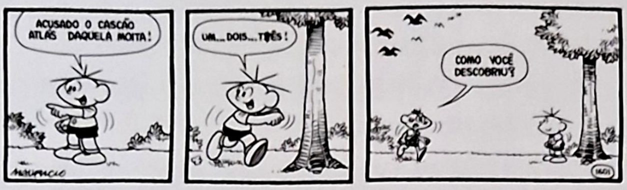
E a outra começou em 17 de julho de 1969. Para fazer um comercial, Jotalhão pensa na tal plástica, mas os amigos o convencem a não fazer, pois como Mônica iria puxá-lo pela tromba?

A piada migrou das tiras da Mata para as do Bidu. Um outro elefante fez a tal cirurgia e se arrependeu. Publicada na *Folha de S.Paulo*, em 2 de julho de 1972.

A aventura sem título do Chico Bento mais parece um apanhado de tiras, com várias piadas consecutivas a cada três ou quatro quadros. Nesta época, o personagem ainda era visto com um machado, e não era raro ele cortar uma ou outra árvore. Só que as coisas mudaram há muitos anos, e isso não acontece mais.

Em 2011, Mauricio desenhou esta charge (inédita), na qual nem é preciso texto para entender a mensagem do Chico, que passou a ser um grande defensor da natureza.

Muitas crianças de hoje talvez nem saibam, mas xiniqueiro era a criança que fazia o sorteio no esconde-esconde. É isso que mostra esta história com roteiro do Mauricio.



A brincadeira foi muito usada pela Turma. Nesta tira, publicada em 9 de abril de 1968, na *Ilustrada*, fica claro que não é difícil descobrir onde o Cascão se escondia.

Super-Horácio estreou nos gibis em *Mônica* 27, substituindo seu alter ego. Embora suas histórias sejam mais longas, ágeis e aventurescas, esta explora a personalidade dele, deixando que seus poderes justifiquem a sua reação à árvore falante.

Presença marcante nas primeiras edições das revistas *Mônica* e *Cebolinha*, o Super-Horácio logo abandonaria a capinha e voltaria a ser o filósofo que os leitores tão bem conhecem. Aqui, o roteiro e o desenho são do Mauricio, e a arte-final, de Alvin Lacerda. E esta história saiu apenas no gibi, não foi uma adaptação de antigos tabloides.

O dinossaurinho encontrou outros vegetais estranhos em suas andanças, todas publicadas na *Folhinha*. Teve uma árvore falante, petulante e rancorosa, que queria demonstrar seu poder sobre as outras criaturas, na aventura que saiu de 30 de maio a 20 de junho de 1965.

Houve ainda uma planta surreal e diferentona que levou Horácio a uma viagem astral pra lá de psicodélica, depois que ele comeu uma raiz estranha para saciar a fome. A história foi de 12 a 26 de dezembro de 1971.

Por fim, um cacto generoso, também falante, salvou o Horácio ao oferecer-lhe as suas últimas gotas d´água. Saiu numa história que foi de 11 de julho a 15 de agosto de 1976.

Mônica # 40 (agosto de 1973)

Esta edição foi um pequeno marco na trajetória das publicações do estúdio, pois foi a primeira revista a ter os créditos da equipe no expediente.

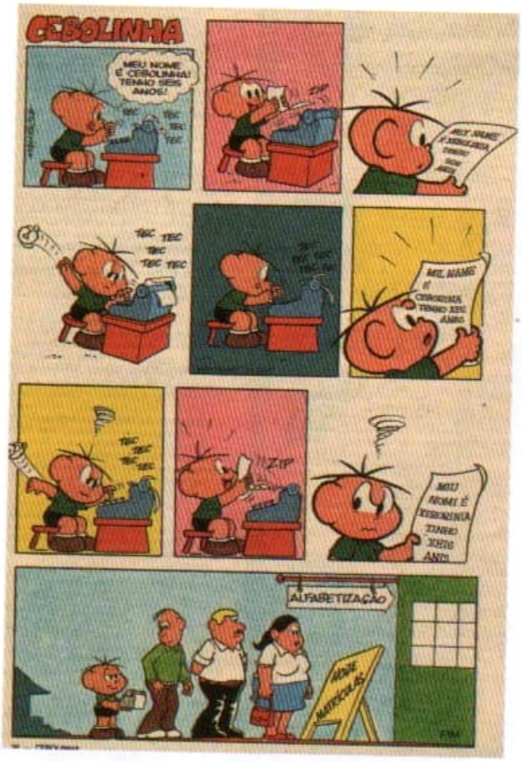
Olho por olho tem roteiro de Mauricio, desenho de Sidnei Lozano Salustre (Sidão) e arte-final de Sergio Tiburcio Graciano, com pequenas piadas como se fosse uma sequência de tiras.

Ao tentar pegar o Cebolinha, Mônica se mete em algumas encrencas. Os novos leitores podem estranhar a personalidade um tanto mal-humorada, durona e vingativa da dentucinha dos anos 1970.

Quando surgiu, Cebolinha aparentava ser o menorzinho da Turma. Por isso, algumas coisas ele mal sabia fazer. A destreza dele e dos outros personagens só veio com o tempo, quando deram uma crescida. Mesmo assim, não faltam ocasiões em que ainda levam um tombo aqui e outro ali. O Cascão aprendendo a andar de bicicleta que o diga.

O sonho da criançada nos anos 1970 era ter uma máquina de escrever, principalmente a compacta, que fechava em uma tampa e podia ser levada de um lado para o outro.

A datilógrafa é mais uma história curta, no estilo das tiras, que leva a assinatura de Mauricio. Tanto na revista original quanto na *Coleção Histórica*, o primeiro quadro da terceira página tinha um pequeno erro no balão, que apontava para o Cascão, mas era do Cebolinha. Aqui, foi corrigido.



Tempos depois, em *Cebolinha 74*, da Abril, que saiu em março de 1979, Cebolinha apareceu como aspirante à datilógrafo, tentando escrever uma carta. No fim, ele acaba levando sua máquina para ter algumas aulas.

Há alguns anos, o processo de cores das revistas é feito digitalmente. Na década de 1970 (e por um bom tempo), os estúdios mandavam a indicação de cores à editora, que finalizava o processo para enviar à gráfica.

Em *Muito esquecido!*, isso produziu alguns erros muito interessantes, como o tom da grama do sítio e o galo, que parecem aquarelados com mistura de cores. Veja ao lado.

Diversos reis tiranos e líderes opressores já passaram pelas histórias do Astronauta. Um deles foi o grande Não-Sei-O-Quê, que tinha esse nome porque ninguém lembrava como ele se chamava.

O vilão inventou um desmemorizador, que usava para tirar a memória do seu povo, pois assim todos o obedeciam. A história *Povo sem memória também tem história* foi publicada em *Cebolinha* 29, da Globo, em maio de 1989.

Outro monarca, de um mundo desconhecido, detinha pessoas que considerasse um agitador político. Seu povo esperava pela vinda de um salvador, um enviado do céu. E o Astronauta os libertou. Esta aventura saiu na revista *Cebolinha* 165, da Abril, em setembro de 1986.

O rei Narciso, em mais uma história que só apresentava Astronauta no título, em *Cebolinha* 134, da Abril, em fevereiro de 1984, se achava lindo, maravilhoso e perfeito. Mas vivia em um planeta deserto. Astronauta até tentou levar-lhe súditos, mas o monarca achou todos horrorosos.

E houve também o rei que detestava sorrisos e risadas. A razão disso? Para que ele não criasse rugas até o dia do seu casamento. Esta aventura do Astronauta saiu em *Cebolinha* 70, da Abril, em novembro de 1978.

A revista teve um anúncio de um produto ligado aos personagens de Mauricio: do colchão da Turma da Mônica, lançado naquele ano pela Probel.

Mônica # 41 (setembro de 1973)

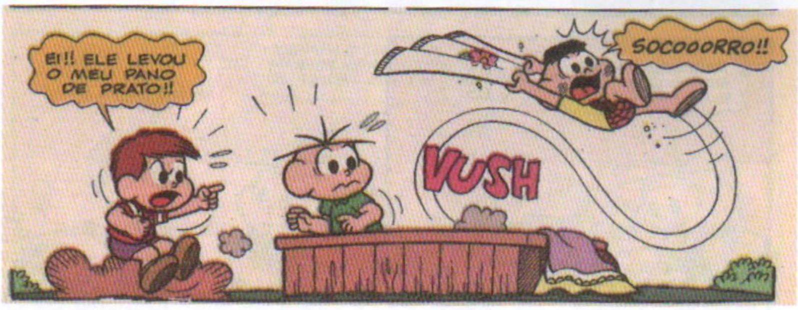
Na capa desta edição, pode-se perceber a diferença na morfologia dos personagens naquela época. Compare as perninhas da Mônica com as do Cascão.

Hoje, todos os integrantes da Turma seguem mais ou menos o mesmo padrão, mas nos anos 1970 havia muita diferença entre eles. Cascão e Magali, por exemplo, sempre foram desenhados muito mais magrinhos do que Mônica e Cebolinha.

Depois do Super-Horácio e do Capitão Feio, é a dentucinha quem veste uma capa em *Mônica, a voadora*. E ela se torna... Cleide, a voadora.

Neste roteiro, típico do Mauricio, é claro que não poderia faltar o Cebolinha aprontando todas com a amiga. Curiosamente, o nome Dumbo, do elefantinho voador famoso da Disney, é mencionado sem qualquer trocadilho.

Na hilariante *O pano de prato*, publicada em *Cascão 327*, da Globo, em julho de 1999, é um pano de prato (uma invenção de um cientista doidinho) que faz os meninos voarem.



Em *Magali está doente!*, com roteiro de Mauricio de Sousa, a comilona quer dar um jeito na sua fome com a ajuda de um moderador de apetite, que hoje é polêmico e, muitas vezes, até proibido. A arte-final é de Alice Takeda, atual diretora do estúdio.

De todos os personagens da Turma, Magali parece ser a que mais fica doente. Muito por causa do seu apetite. Afinal, como gosta de provar de tudo, às vezes come uma ou outra coisa não tão recomendável, como frutas de cera e tortas de barro.

Aí, rola uma pequena dor de barriga ou de dente, mas nada que um médico ou um dentista não resolvam, como se vê nas tiras abaixo.

Desta vez, o Horácio nem deu as caras: quem protagoniza a aventura é a Lucinda. As velhas cavernas, túneis, buracos e lugares escuros que Mauricio tanto utilizava aparecem de novo.

Quase como se fosse um subconsciente, esses lugares sempre abrigavam segredos com criaturas estranhas e misteriosas. Texto poético e arte do pai da Turminha e arte-final de Alvim Lacerda, que saíram apenas no gibi.

As grutas, cavernas e afins também tinham outras utilidades nas histórias do Mauricio. Na *Folhinha de S.Paulo*, de 23 de abril a 28 de maio de 1978, Lucinda fez uma armadilha num buraco para capturar Horácio e disse que ele só sairia de lá se concordasse em namorá-la, algo que acabou não acontecendo, evidentemente.

No início, a turma do cemitério era bem diferente da que conhecemos atualmente. O Penadinho contracenava com fantasmas como ele e, vez ou outra, com o Cranicola.

Zé Finado (na história chamado só de Zé) e Chico Defum eram seus dois companheiros de aventuras. Às vezes, Penadinho até dava um tempo de suas andanças pelo cemitério para fazer coisinhas corriqueiras, como lavar o lençol e fazer a faxina do seu túmulo.

Em *Dia de limpeza*, publicada em *Mônica 180*, da Globo, em agosto de 2001, Penadinho faz o mesmo. Só que, desta vez, do lado de fora da tumba. Tramas do cotidiano, como esta, sempre terminavam em confusão, pois envolviam os outros moradores do cemitério.

Esta edição repetiu a propaganda do colchão da *Turma da Mônica*, da Probel.

Mônica # 42 (outubro de 1973)

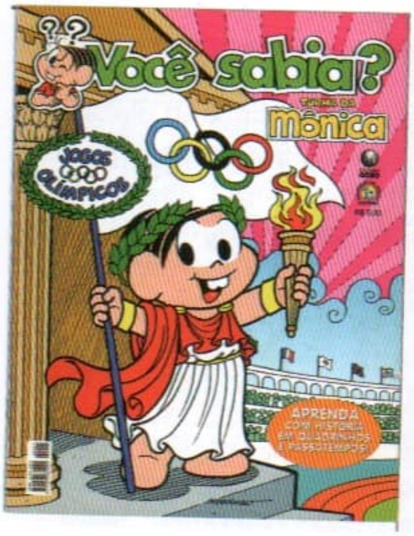
A capa da edição traz algo de estranho no desenho dos personagens. Por algum motivo, o arte-finalista "fechou" o contorno dos olhos da Mônica, coisa que o Mauricio nunca fez. Esse erro passa a impressão de ela estar muito assustada ou até usando óculos. A "patota" na capa é uma gíria da época para "turma".

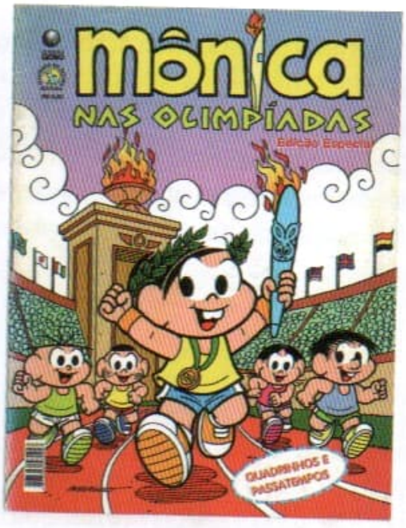
Na história de abertura, mais uma daquelas coisas que só aconteciam no Limoeiro. Um corredor se machuca e dá para Mônica uma missão: entregar *A tocha olímpica* no estádio.

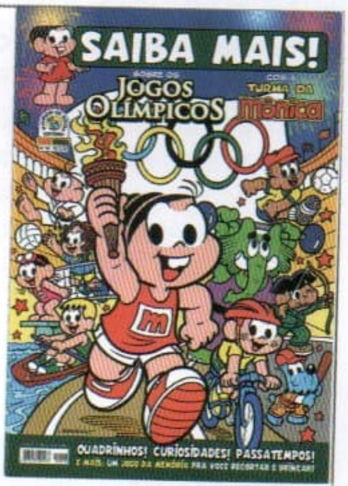
Como o roteiro foi escrito nos anos 1970, alguns elementos – tocha, fogo, cigarro – eram normais nas histórias. Tanto que o ditado "criança que brinca com fogo faz xixi na cama" fica subentendido no final. Curioso que, na época, era completamente irreal a possibilidade de o Brasil sediar os Jogos Olímpicos, o que acabou acontecendo em 2016, no Rio de Janeiro.

Um outro corredor aparece numa tira de 1980, mas, ao contrário do primeiro, ele não teve tanta ajuda da Turminha.

A dona da rua segurou a tocha olímpica em algumas revistas especiais, como *Você sabia 11 – Jogos Olímpicos* e *Mônica nas Olimpíadas*, da Globo, em junho e agosto de 2004, respectivamente, e *Saiba mais 10 – Jogos Olímpicos*, da Panini, em junho de 2008.







Dos tantos amigos inusitados do Bidu, eis que entra em cena uma minhoca. Às vezes, esses seres apareciam em dupla, só com a cabeça para fora de um buraco na terra. E, dependendo da situação, a minhoca ia parar dentro de alguma lata, geralmente para virar isca de algum peixão, como é nesta história feita pelo próprio Mauricio.

Aliás, duas minhocas questionam o comentário do Bidu na tira ao lado, que foi publicada na *Ilustrada*, em 14 de junho de 1977.

O interessante é que Mauricio fez o rascunho da tira para passar pelos outros profissionais do estúdio. Mas a arte ficou tão boa, que o autor decidiu publicá-la do jeito que estava, sem os trabalhos de desenho, arte-final e letras.

....

Venha você também! – Mônica decide fazer uma festa em que os amigos têm que ir do jeito que estiverem quando receberem o convite. Leitores mais recentes podem ficar chocados com a cena do Cascão dentro de uma lata de lixo. É claro que hoje isso não acontece mais, mas naquela época era este o perfil do personagem. Até nos desenhos animados.

Se hoje a cena espanta, antigamente era comum achar o Cascão numa lata de lixo. Quem ficava mais assustado era o Cebolinha, quando não o encontrava lá. Veja nas tiras abaixo.

Pior do que o Cascão, é ver a Magali dentro do lixo! E acredite: comendo o que foi jogado lá! Claro que é só uma piada, mas, por mais absurda que seja, é impensável nos dias atuais.

....

Mauricio baseou-se em uma das fábulas do Esopo para criar *Raposão e o corvo*. No original, a raposa vê um corvo comendo queijo e o enche de elogios. "Um pássaro tão magnífico assim deve ter uma voz muito linda".

O corvo, então, cheio de orgulho, abre a boca para cantar e o queijo cai. Claro que era um plano da raposa para pegar o queijo.

Na história do Mauricio, o corvo, muito sabido, não acredita nos elogios de Raposão e come todo o queijo sozinho.

Um outro pássaro preto apareceu numa das primeiras tiras do Raposão: o Zé Chupim, que decidiu tomar posse de uma casa de barro e de lá não saiu nunca mais. Esta tira foi publicada na *Ilustrada*, em 17 de dezembro de 1964.

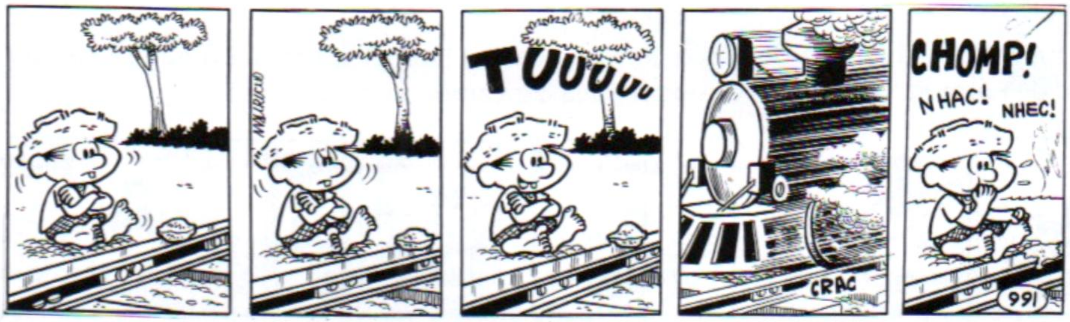
....

A história do Penadinho, escrita e desenhada por Mauricio de Sousa, faz uma crítica aos apressadinhos no volante. Nessa época, era rara a participação dos outros monstros do cemitério, como Zé Vampir e Frank. Por isso, nosso protagonista interagia com outros fantasmas.

Repare que o encarregado do setor de ressurreições ainda não era a Dona Cegonha, mas um fantasma de quepe com o mesmo formulário que ela usa.

Essas tiras de diferentes épocas mostram a mesma piada, mas sob diversas óticas. E sempre com um resultado trágico.

Aparentemente, *O trem* deriva de uma piada popular, pois mostra Chico Bento tentando provar a todos que caipiras não são analfabetos, um preconceito bem tolo, mesmo naquela época.



Nas tiras antigas do Chico Bento, como esta, publicada em 1966, a velha maria-fumaça, ou trem a vapor, fazia parte da cena bucólica do interior. Anos mais tarde, ela foi aposentada e um ônibus tomou o seu lugar.

Para os muitos fãs que adoram achar que só o Cebolinha enxerga o Louco, *Loucura geral* está aí para provar o contrário.

A história mostra o Louco em seu mundinho particular, onde vê, ouve e interage com coisas que só ele percebe. Sem exageros, metalinguagens e objetos e pessoas que aparecem do nada, aqui a imaginação toma conta, e o leitor compreende as coisas como a Mônica. Ou seja, não entende nada.

Há diversas aventuras que comprovam que o Louco não é só fruto da imaginação do Cebolinha ou até seu alter ego. Esta tira publicada na *Ilustrada*, no dia 29 de dezembro de 1982, é mais um deles.

Mônica # 43 (novembro de 1973)

Muitas crianças de hoje podem nem saber que vitrola é o nome do aparelho que reproduzia os discos de vinil (que, aliás, voltaram a ser colecionados nos últimos tempos). E o Cebolinha empresta à Mônica justamente as duas coisas, em *A grande festa*.

Trata-se de um roteiro bem no estilo mauriciano, em que nenhum quadrinho é desperdiçado. Há sempre uma piada aqui e ali, tornando a história ainda mais engraçada.

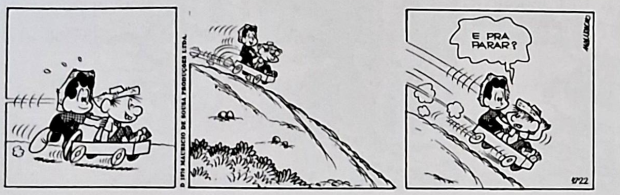
Na tira ao lado, publicada na *Ilustrada*, em 7 de agosto de 1973, assim como no gibi, Cebolinha veste seu terninho para ficar bem pimpão. Só o que ele não esperava era a reação da Mônica.

....

Chico Bento deixa um pouco de lado sua preguiça em *Amigo é pra essas coisas*. E decide bancar o espertinho pra cima do Zé da Roça, que também não deixa por menos e acaba dando o troco.

Na história, Mauricio utilizou a expressão "que vantagem Maria leva?", que significa "e o que eu ganho com isso?".

Já Chicobaldi é a junção de Chico com (Emerson) Fittipaldi, brasileiro que se sagrou campeão mundial de Fórmula 1 em 1972 – e conquistaria o bicampeonato dois anos depois.



Nesta sequência de tiras com Chico Bento e Zé da Roça, há momentos bem parecidos com os vistos na história. Só que elas saíram em jornais pouco antes, em 1970.

....

Pobre Cebolinha! Ele já teve a língua espichada, ficou invisível e agora é a vez de ter a *Cabeça virada*. E qual seria o motivo para ele ficar assim? A Mônica, evidentemente! Mas com alguns *plafts*, o problema foi resolvido.

A história é uma remanescência dos antigos roteiros, nos quais Mauricio esticava, espichava ou achatava os personagens como se fossem de borracha, como acontecia nos desenhos animados. No entanto, essas situações engraçadas deixariam de ser usadas pouco tempo depois.

Veja nestas tiras publicadas entre 1970 e 1971 (o *copyright* de 1976 é porque elas eram reutilizadas), como Mauricio adorava desenhar essas situações. Geralmente, a Mônica estava por trás de tudo.

O nome Bugu aparece maior e na frente no título? Há uma razão! O cãozinho amarelo se enche de confiança a ponto de não precisar pedir ao Bidu para poder participar da história. Ele simplesmente surge sozinho, como se fosse o protagonista.

Mas Bidu sempre dá um jeito de não deixá-lo tão faceiro e estraga seus planos. Afinal de contas, até quando não consegue participar da história, Bugu ainda consegue tirar sua paz.

Já em *Bugu não veio, mas...*, publicada em *Cascão 1*, da Globo, em agosto de 1982, quem aparece no seu lugar é o Buguinho, que consegue ser pior do que seu tio, pois é desobediente e chorão.

Piteco protagoniza uma narrativa antológica, com roteiro mais complexo, sério e repleto de metáforas. Mauricio assina e desenha a aventura em que seres de outro planeta usam uma terrível arma secreta para invadir a Terra.

Sem raios ou explosões, a tal arma é algo irreal: sua própria aparência. O autor ainda brinca com a expressão "morrer de rir", e faz com que os extraterrestres caiam em sua própria armadilha.

Nas antigas aventuras do Piteco em jornais, houve outra ameaça, o Monstrão. Só que não era um alienígena, mas sim uma criatura que caiu em um poço. A aparência dele ninguém sabe, pois em momento algum é mostrada.

Mas, ao contrário do alienígena que provoca risos, o Monstrão entristece quem houve seus urros. A história foi publicada originalmente em 1966, em tiras seriadas no *Diário Ilustrado*, suplemento do *Diário da Noite* de São Paulo.

Inspirada numa antiga piadinha, *Os coelhinhos* é toda feita por Mauricio. Certa vez, ele revelou que, ao fazer uma história, teve que determinar a quantidade de filhos do Coelho Caolho. Para isso, fez uma votação no estúdio e o número que pareceu ser o ideal foi 118.

Às vezes, isso muda, aparece um a mais, um a menos, mas o trabalho do compadre continua o mesmo. Pobre Raposão.

Não foi somente o número de filhotes que mudou com o tempo. Nesta tira publicada na *Ilustrada*, em outubro de 1963, vale notar como eles eram mais rechonchudos e não usavam óculos.

Um jogo cansativo – Nesta história de Mauricio, a Mônica mostra quem (e por que) é a dona da rua. Jeitinhos e expressões dos personagens também são característicos do estilo de desenho do criador da Turminha.

Na publicação original de 1973, curiosamente, Xaveco está com uma camisa azul em toda a primeira página, para depois trocar pelo seu amarelo oficial.

Esta edição trouxe duas propagandas ligadas aos personagens de Mauricio: a da linha infantil da Phebo e do Colchão Probel, já apresentada.

A linha infantil da Phebo foi um sucesso entre a criançada da época e durou alguns anos. Tanto que, em 1978, Mauricio publicou esta tira incrível brincando com o sabonete da Mônica.

Mauricio de Sousa Produções Ltda.

Mônica # 44 (dezembro de 1973)

E chegava às bancas a tão aguardada história de Natal, com direito a capa alusiva. A curiosidade é que, na época, tanto o Bidu quanto a camiseta do Anjinho, que são azuis, ficaram brancos!

O estúdio indicou tudo corretamente, com verde no fundo, em vez do azul que foi publicado, mas alguém deve ter se enganado na Abril.

Um cometa para o Natal mostra que, desde aquele tempo, a Turminha se preocupava com o combate à poluição. Por isso, aqui os personagens atuam num "espaço" ainda pouco explorado até então: a conscientização ambiental. Mas no lugar do Capitão Feio, com seus planos de poluir a Terra, os inimigos são diabinhos.

A história tem o estilo típico de Mauricio: há uma quebra entre o que vai acontecer e o que houve, não é mostrado como o plano se realizou, nem como os diabos fazem a troca. E o final é aberto.

Diabinhos já apareceram muito nas histórias, seja como crianças, seja como adultos, mas sempre com planos diabólicos. Nesta tira de 1979, eles são incomodados com os tapas que a Mônica dá no chão, durante um inocente jogo do bafo, com figurinhas.

Outro diabinho surge em uma toca, que na verdade é a casa do Coelho Caolho. Em vez de assustar, ele é assustado pela quantidade de coelhinhos. *O diabinho de estimação* saiu em janeiro de 1979, em *Cebolinha 72*, da Abril.

E que tal esses dois diabinhos, com cabelos no estilo Cascão e Anjinho? Eles protagonizam, junto a um terceiro, a história *Diabruras de Natal*, publicada em dezembro de 1981, em *Cebolinha 108*, da Abril.

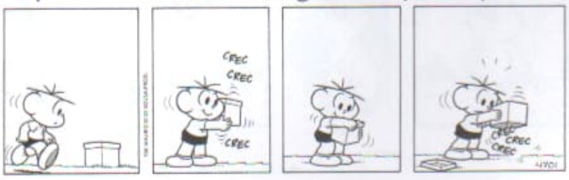
Na história *O que será que há dentro da caixa?*, Mônica, Cebolinha e Cascão estão envoltos com o mistério de uma estranha caixa de papelão.

Vale lembrar que toda a Turminha foi criada bidimensionalmente. Por isso, alguns ângulos eram pouco explorados.

No primeiro quadro da terceira página, vê-se Mônica e Cebolinha de cima, numa perspectiva pouco usual para a época. Foi com os desenhos animados que vários problemas de perspectiva começaram a ser resolvidos.

As soluções acabaram sendo usadas também nos quadrinhos. Ah, e uma gíria da época aparece: sapo, que quer dizer bisbilhoteiro, curioso.

E que tal esta piada simples, porém original, também com uma caixinha que, ao ser sacudida pelo Cebolinha, faz barulho? Esta tira é de 1980 e é pura metalinguagem.



Em *O grande virtuose*, o Coelho Caolho é chamado de... Teodoro? Como assim? Na Turma da Mata, o nome dos personagens seguia o das espécies: Raposão, Corujoca, Tarugo, Leonino – Jotalhão é uma exceção.

Mas, na verdade, trata-se de um engano. O coelho do primeiro quadrinho não é o Caolho, mas sim um dos seus cento e tantos filhos.

A roupa dele, que na edição original saiu colorida de amarelo por equívoco (exceto no último quadrinho, em que está vermelha) é a causa da confusão. Embora hoje os coelhinhos sejam desenhados saltitantes e "cheinhos", nos anos 1970, eles eram apenas cópias menores do pai.

Esta história também saiu em tiras seriadas na *Ilustrada*, a partir de 17 de julho de 1976. Alguns quadrinhos precisaram ser redesenhados.

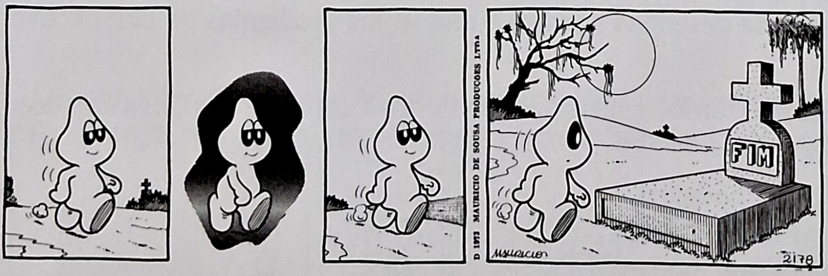
A metalinguagem domina *Um balão muito cheio*, quando um balão de fala se revolta contra a Mônica. Típicos do universo do Mauricio de Sousa, esses elementos hoje são raros no universo da dentucinha e seus amigos.

Nas histórias do Bidu, é bem comum os objetos falarem. Mas, devido à solução encontrada para o desfecho – o uso da força bruta –, o roteiro só podia ter a Mônica como protagonista.

Em uma tira de 27 de junho de 1973 (época de festa junina), na *Ilustrada*, Mônica e Cebolinha também fazem uso da metalinguagem. A piada está justamente aí, ao confundir o balão de fala com o objeto que pode causar incêndios.

Logo na história seguinte, o Bidu protagoniza uma história usando o mesmo conceito. Mas, em vez de um balão, temos o "fim" dando o recado.

Essa ideia seria explorada muitas vezes nas tiras de expediente e em aventuras curtas.



Como se vê nesta tira do Penadinho, de 1973, Mauricio de Sousa faz paródia com a própria piada, ao dar um duplo sentido à palavra fim.

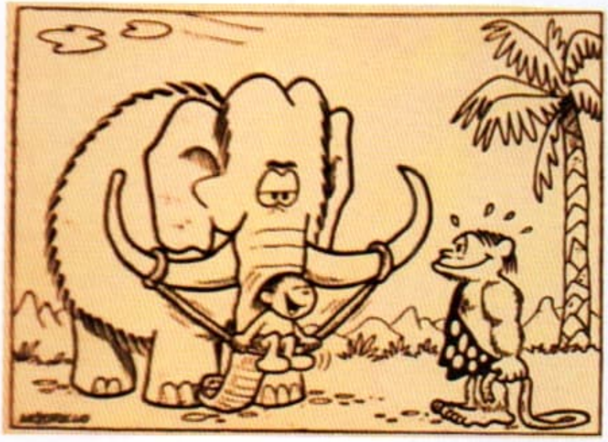
Com um roteiro curto e sem texto, *O ovo* é exemplo de como era a maioria das histórias do Chico Bento na época.

Nesta, ele se envolve com um ovo inexplicavelmente imenso de sua galinha Giselda. Como algo tão grande veio de uma ave tão pequena é mero detalhe.

Nas tiras de 1966, Mauricio já fazia piada com ovos enormes, mesmo que as galinhas ainda não fossem a Giselda. Olha só a "explicação" da primeira delas!

Naquela época, as aventuras mais longas do Horácio começavam a dar lugar a histórias de duas ou três páginas.

Nesta, o dinossaurinho quer dar um jeito de brincar com seu amigo Antão. A solução está no tamanho das presas do seu pai.



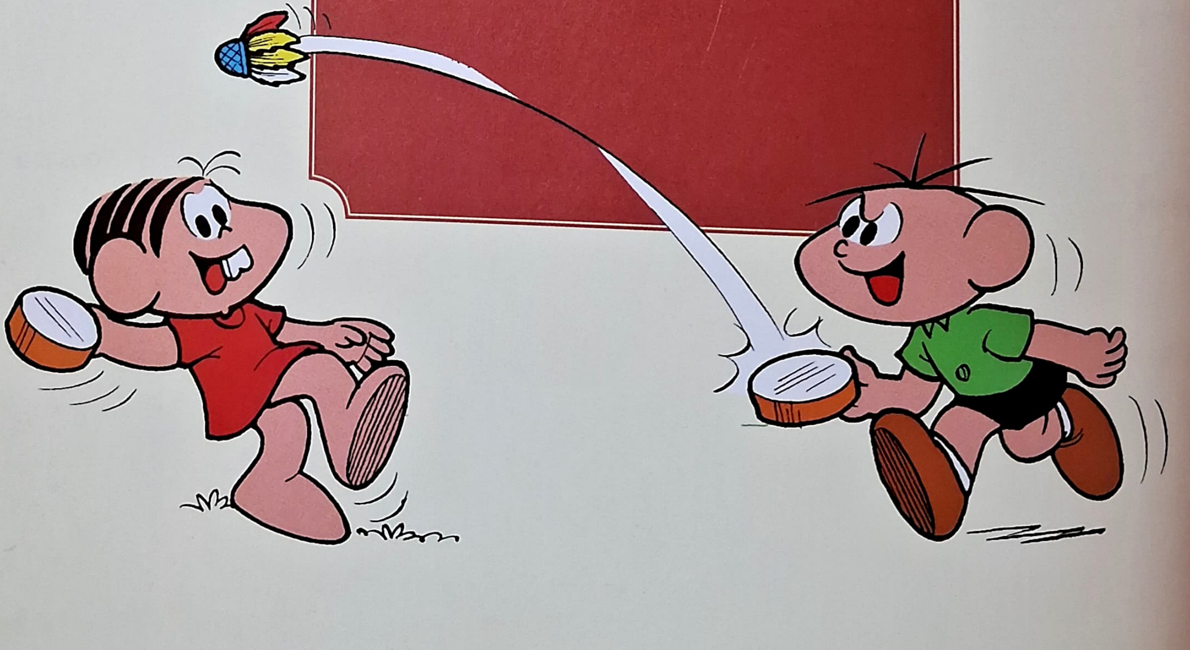
A versão original saiu nas páginas da *Folhinha*, em 11 de abril de 1971. Curiosamente, a mesma piada já havia sido utilizada nos passatempos do suplemento infantil em 2 de fevereiro de 1964.

Neste gibi, saiu apenas uma propaganda relacionada aos personagens de Mauricio de Sousa: a da linha infantil da Phebo, já publicada aqui.

VOLUMES DA COLEÇÃO

Mônica – Vol. 1: 1970
Mônica – Vol. 2: 1971
Mônica – Vol. 3: 1972
Mônica – Vol. 4: 1973

Cebolinha – Vol. 1: 1973



NINGUÉM!
FORA!
DE EU IR, NÃO QUER VER UMA IMITAÇÃO QUE FAÇO DO CHACRINHA?
SERÁ QUE VOCÊ NÃO ENTENDE?
NÃO ENTENDO, ÃO! PODE EXPLICAR DIREITO?
'TÁ CERTO! VOCÊ QUERIA APARECER EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS, NÃO É? POIS JÁ APARECEU! AGORA, DÊ UM TCHAUZINHO E SUMA!...
?
TURMINHA IGNORANTE, POXA!
"OLHA", PESSOAL! GANHEI CINCO ENTRADAS PARA O CIRCO! QUEREM IR COMIGO?
NÃO QUEREM IR AO CIRCO?
MAS EU NÃO OUVI NINGUÉM AGRADECENDO!
VOCÊS SÃO MAL-EDUCADOS MESMO, NÃO?
POIS VOU CONVIDAR OUTRAS
TAMBÉM, SE ARRANJOU, POUCO ME IMPORTO!
COMO SERÁ ELE?
DEVE SER BACANA!
OU A THUGA TEVE CORAGEM DE ME TROCAR POR UM FEIÃO?
BEM... ACHO QUE O NEGÓCIO É CONHECER O CARA E AGRADECER!
AFINAL, DEVOLVEU-ME A PAZ!
THUGA!
NÃO DÁ PLA TELEFONAR AVISANDO QUE NÃO DÁ PLA IR?
NÃO! EU TENHO QUE IR DE QUALQUER JEITO!
O QUE HOUVE?
É AÍ QUE ENTRA MEU PLANO! VOCÊ VAI SER GUARDA SÓ PRA ME DEIXAR ENTRAR NO BANCO E PEGAR O "TUTU"!
EXPLIQUE MELHOR!
DEPOIS DE TUDO EXPLICADO...
QUE LEGAL! EU TOPO!
EU SABIA QUE VOCÊ IA GOSTAR!
VOU TELEFONAR PRA VER O QUE ACONTECEU!
ORA! EU NÃO TINHA NADA PRA FALAR!
AGORA, VAMOS ARRANJAR UM DISFARCE PRA VOCÊ IR AO BANCO PEDIR EMPREGO!
ÓTIMA IDÉIA!
NO OUTRO DIA...
QUE TAL ESTOU?
LINDO! NEM MAMÃE IRIA RECONHECER VOCÊ!
RA-RAÁ!
LEMBRE-SE! AJA COM A MAIOR NATURALIDADE!
PODE DEIXAR!
BANCO
BOM DIA! POR FAVOR... MEU IRMÃO GOSTARIA DE TRABALHAR NO BANCO E...
PRIMEIRA PORTA À SUA ESQUERDA!
ALÔ!
...AGORA, O TEODORO VAI DAR O ALÔ DELE!

Biblioteca Mauricio de Sousa

MAURICIO DE SOUSA EDITORA
PANINI COMICS

ISBN 978-65-259-1260-8
ACHTM004
© MSP - BRASIL/2023
Aconselhável para maiores de 14 anos

4

1973

mônica

Biblioteca
Mauricio
de Sousa

PANINI COMICS